



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Uma vivência atribulada: A análise de Dom Quixote**

Diogo Miguel Antunes

**Orientador de Dissertação:**

Prof. Dr. Vitor Amorim Rodrigues

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

Prof. Dr. Vitor Amorim Rodrigues

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Vítor Amorim Rodrigues, apresentada  
no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
Psicologia Clínica

## **Agradecimentos**

A elaboração desta dissertação foi fruto de um longo trajecto, prestando-se em alturas a uma dificuldade desgastante, contudo, o culminar dos momentos que constituíram esta jornada, permitiram a realização de um trabalho que marca o fim de um especial trajecto, o qual não seria possível sem as seguintes pessoas:

Ao meu orientador, Vitor Amorim Rodrigues, por ter ao longo deste período acompanhado o desenvolvimento desta dissertação, pelas suas ideias, diálogo e *feedback*, relativamente à mesma. Agradeço também a sua influência ao longo deste percurso académico e, a possibilidade de, com ele realizar uma dissertação neste âmbito, o que em tempos se provou difícil pelo seu conteúdo.

Ao Prof. Dr. Daniel Sousa, pela sua ajuda na escolha de procedimentos adequados e, a sua disponibilidade em resolver várias das minhas dúvidas ao longo da realização desta dissertação.

À Prof. Dra. Paula Ponce Leão, por numa fase inicial ter fornecido os seus conhecimentos, permitindo um correcto enquadrar de ideias, bem como *insight*, à vida de Dom Quixote e as relações estabelecidas com o mundo que o rodeava.

Ao Dr. João da Fonseca, por ter disponibilizado momentos do seu tempo, para uma curta de revisão de alguns conteúdos desta dissertação.

A todos os familiares e amigos, por terem ao longo do passado ano, suportado algumas divagações sobre Dom Quixote e, pelo seu apoio incondicional.

## RESUMO

O presente estudo tem como objectivo analisar, psicologicamente episódios da vida de Dom Quixote, a personagem de Miguel Cervantes. Tendo em conta, a história de Dom Quixote, procurar-se-á descrever a sua experiência, bem como as mudanças operadas na personagem em momentos específicos do enredo. Abarcar-se-á o conceitos inerentes ao método fenomenológico e à hermenêutica, para finalmente, partir para uma análise, procurando interpretar o impacto dos eventos na vida de Dom Quixote.

*Palavras-chave: Dom Quixote, Fenomenologia, Hermenêutica, Experiência*

## ABSTRACT

The current study aims to analyse psychologically episodes from the life of Don Quixote, Miguel Cervantes most famous character. Given Don Quixotes story, the current study will entail a description of his experience, as well as the changes that occurred on the characters state of being, along specific moments of the book. Finally, there will be a chapter dedicated to the concepts associated with phenomenology and hermeneutics, along with another, dedicated to the analyses of Don Quixotes experiences, in order to interpret the impact they had on his life.

*Keywords: Don Quixote, Phenomenology, Hermeneutics, Experience*

## **INDICE**

<b>Agradecimentos</b>	iii
<b>Resumo</b>	iv
<b>Introdução</b>	1
<i>Algumas considerações</i>	1
<i>O tema e o método</i>	1
<i>Objectivo do Estudo</i>	2
<b>Enquadramento Teórico</b>	3
<i>Literatura e Psicologia</i>	3
<i>Sobre o Cavaleiro da Triste Figura</i>	8
<b>Método</b>	15
<i>Reflexão sobre o Método</i>	15
<i>Métodos Qualitativos</i>	17
<i>A Fenomenologia</i>	18
<i>Fenomenologia Hermenêutica</i>	20
<i>IPA – Interpretative Phenomenological Analysis</i>	22
<i>IPA – Análise</i>	24
<i>Recolha de dados</i>	25
<i>O método</i>	26
<b>Resultados</b>	27
<i>Introdução</i>	27
<i>Vivência do Quotidiano</i>	28
<i>Experiência da realidade</i>	31

<i>Reflexão sobre o passado</i>	38
<b>Discussão</b>	43
<b>Conclusões</b>	49
<b>Referências Bibliográficas</b>	51
<b>Anexos</b>	55
<i>Anexo 1: Transcrição dos capítulos</i>	56
<i>Anexo 2 a 7: Análise dos transcritos</i>	63
<i>Anexo 8: Agrupamento de temas</i>	84
<i>Anexo 9: Tabela de temas</i>	86

## INTRODUÇÃO

### **Algumas considerações**

De calmo fidalgo a cavaleiro andante. Foi esta a mudança que se operou em Alonso Quijano, que, convicto do seu fado, tomou as armas, o seu gasto cavalo Rocinante, o nome de Dom Quixote e se lançou pelo Reino de Espanha em busca de aventuras. Impelido pela sua amada que nunca vira, Dulcineia de Toboso e, apoiado pelo seu fiel escudeiro, Sancho Pança, montado sobre um jumento, lá foi o Engenhoso Fidalgo da Mancha, proclamando a justiça e bem, escorraçando com os males do mundo. Quem conhece a história do Cavaleiro da Triste Figura, à primeira impressão considera-o louco, um idoso alucinado, que por muitos livros de cavalaria ter lido, sucumbiu à insanidade. Mas e se o enlouquecimento, nada fosse, senão um veículo para a sanidade, para uma absolvição por parte do próprio Dom Quixote?

Contam-se aqueles que já analisaram, página a página a grande obra de Cervantes, de Ortega y Gasset a Unamuno, muitos são os que defendem que a loucura de Dom Quixote é saudável, não seja pelo inevitável culminar de eventos que se abatem sobre o herói, mas como é que estas vivências influenciaram a personagem nos seus momentos finais, qual é o significado por detrás da loucura de Dom Quixote, melhor que influência teve o meio em que se moveu, ou as pessoas com quem contacto.

Este trabalho, navegando a vida de Dom Quixote, dedicar-se-á, a descrever a as mudanças que se operaram no Cavaleiro e qual o significado para o mesmo.

### **O Tema e o método**

Inicialmente, a ideia de realizar um estudo teórico parecia distante, até ao momento em que terminara a leitura de Dom Quixote de la Mancha. Após algumas sugestões, nomeadamente, pelo orientador, sobre os diferentes aspectos em torno da dissertação, conclui que uma análise psicológica desta personagem seria um trabalho, embora árduo, recompensador, muito pelo significado que Dom Quixote passou a ter.

Tendo escolhido um tema, restava apenas escolher uma abordagem teórica. De uma coisa tinha a certeza: a necessidade de realizar um estudo que abarcasse um método fenomenológico. Anteriormente, tivera contacto com a abordagem e, à medida que pensava num tema para a dissertação, sempre estivera presente a fenomenologia, por ser, dos diferentes métodos existentes, aquele que considerava o mais próximo, não pelo conhecimento que já possuía, sobre o mesmo, mas sim por se adequar ao meu pensamento. Foi mais tarde que, tendo recentemente descoberto o IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), enveredei, por uma análise deste tipo, utilizando uma adaptação do método ao estudo em questão, mantendo uma postura fenomenológica, tal como também é requerida neste método.

### **Objectivo do estudo**

Existe uma variedade de artigos sobre Dom Quixote, foram até já realizados alguns estudos sobre a personagem e as suas experiências quase patológicas, de inspiração psicanalítica e existencial, sendo que da última existe muito pouca informação. Em Portugal, a investigação sobre o tema é escassa, depois de uma busca extensa, foram poucos os autores encontrados que se referem a Dom Quixote, especialmente, à luz de uma perspectiva fenomenológica, utilizando uma versão adaptada do IPA, como tal, este estudo, compromete-se a analisar: a experiência da loucura de Dom Quixote, quais as mudanças operadas na personagem ao longo do enredo.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### LITERATURA E PSICOLOGIA

Do conteúdo literário vasto, edificado ao longo dos séculos, é possível denotar as características humanizadas na sua maioria, qualidades que permitem a identificação do leitor com a escrita. Quando se menciona uma ligação entre psicologia e literatura, deve-se ter em conta as condições da obra que se tem em mente, visto que todas, são efectivamente, um produto da criação humana e, como tal, portadoras de um significado, para aceder ao mesmo, compreender a literatura, torna-se necessário, perceber figurativamente, como funciona a mente humana (Dudek, 2011).

Tendo em conta, as condições da criação literária e, a das suas personagens, é possível torná-las um objecto de estudo, analisando as suas interacções, os seus movimentos e decisões à luz de um método que permita aceder às suas características humanizadas, a coligação entre psicologia e literatura, torna-se assim, num estudo real.

Considera-se a literatura como uma linguagem de coisas, para a estudar é necessário perceber como os objectos e incidentes influenciam, a expansão do significado, como o pensamento numa história, ou num poema, permite controlar este significado (Dudek, 2011).

A complexidade de uma obra literária, deixa espaço para a sua análise, as diferentes interacções existentes, o pensamento inerente às personagens, pode ser vista como um objecto de estudo, a compreensão das mesmas, pode ainda fomentar a percepção do mundo real, visto serem produtos de uma mente humana, a literatura, citando Dudek, “Tem uma relação, primeiro para com a biografia do autor. Traduzida pelo próprio, em afirmações relativas a problemas da sua época, do mundo em que vive. Podendo ser, mais tarde aplicada a outros tempos. Nunca é apenas uma afirmação ou uma representação, é literário, um objecto de contemplação e comunicação” (2011, p.19).

Outros estudo, referiram já, uma ligação entre a literatura e outras formas de expressão artísticas, contrastadas também, como outras formas de comportamento e actividade cultural, que têm sido amplamente estudadas pelas ciências sociais (Steen & Schram, 2001). A literatura tem até, vindo a ser alvo de estudo empíricos, que abrangem os mais variados aspectos, incluindo: a interpretação e avaliação de textos individuais, descrição de grupos de textos e a formulação de teorias, ou generalizações ao longo dos textos, bem como, o estudo de casos individuais (Steen & Schram, 2001).

Confirma-se assim, a viabilidade do estudo da literatura, por parte das ciências sociais, assim como, a possibilidade de abordar diversos temas na área, sejam este relativas ao conteúdo do texto, ou às suas personagens. Relativamente à psicologia, esta tem estabelecido ao longo dos anos uma ligação crescente com a literatura.

Entre as diversas formas artísticas, pode-se afirmar que a literatura é única, na medida em que o seu conteúdo é inteiramente psicológico, isto porque, transmite experiências, ideias, atitudes ou relações, enquanto, por exemplo, um quadro apenas permite uma análise psicológica limitada à cena pintada. Como tal, Lindauer (2009), diz que a literatura é psicologia, devido à capacidade de utilização de palavras para transmissão e expressão de informação, que cria num leitor uma reacção ao conteúdo.

Tem havido ainda, uma tentativa de juntar psicologia à literatura, através do estudo da última por intermédio de um método quantitativo, que servisse como um estudo empírico validando a força desta abordagem, adoptando uma postura objectiva que endureça a ligação entre psicologia e arte, avançando com informação útil, relativa a temas psicológicos, como é explicado por Lindauer (2009).

Ao longo dos anos, tem sido a psicanálise a estudar mais afincadamente o ramo da literatura, intercalando-a com diversas teorias de origem psicanalítica. Antes da existência da psicologia, a literatura era o campo de pesquisa e exploração da condição humana predominante (Jauregui, 2002).

O nascimento da psicologia com a criação do laboratório de Wundt, marca o começo de uma nova exploração da experiência humana nas ciências sociais. Na ânsia de tornar a psicanálise numa ciência natural, Freud, retornou ao estudo dos grandes clássicos da literatura, é graças a ele e Jung, que se deve uma hereditariedade humanista no campo da psicologia, afirmando a literatura e diversos mitos como fontes válidas para a compreensão da condição humana (Jauregui, 2002).

Freud, estabeleceu uma admiração para com os autores que, através da simplicidade do seu raciocínio instintivo, conseguiram descobrir e descrever as profundezas do comportamento humano. Tanto o Rei Édido, a Hamlet, a Dom Quixote são obras famosas por descrever a experiência e a condição humana, que mais tarde viriam a ser analisadas sistematicamente pela psicanálise (Jauregui, 2002).

É notável, como a literatura pode influenciar o crescimento pessoal, facilitando o impacto de uma ideia na pessoa, a transmissão de valores e a sua compreensão. Yoshida (2001), psicólogo educacional, referindo-se aos tempos do seu estudo académico, afirma que: “Ler literatura, enriquece a compreensão humana, por parte do psicólogo, aprofundando a cultura pessoal. Um psicólogo pode estudar a actividade criativa do escritor como pessoa, ou da produção literária como produto da actividade criativa. Pode estudar a relação entre a produção e a personalidade do escritor” (p. 196).

Conclui-se daqui que, o estudo da literatura, proporciona, uma visão compreensiva tanto da personalidade do sujeito que a produziu, como do impacto que esta teve no sujeito em questão. Ao falar na influência da actividade literária num indivíduo, podemos transpor este conceito para o leitor, alheio à criação literária, o que coloca a questão, o que provocou impacto? A identificação com as personagens? O estilo literário, ou a soma do conjunto?

É essencial, compreender a significância da literatura, um psicólogo deve aprender através do estudo da literatura e de sujeitos em situações reais, actuais (Yoshida, 2001). Mostra-se assim, o quão necessário é compreender o conteúdo literário e o estudo da experiência de um sujeito. Argumentando que, a literatura, pode ser uma tradução de indivíduos em situações específicas, torna-se então crucial a sua compreensão.

Segundo Crossley (2002), tem sido de particular interesse observar o crescimento de uma nova abordagem intitulada de psicologia narrativa, derivada de abordagens socio-constructivistas, onde o processo de construção de histórias e a linguagem assumem, um papel dominante, centrando um desenlace em torno de si. “As histórias são o ventre da personalidade. As histórias criam-nos e separam-nos. As histórias sustentam-nos em momentos de perigo, encorajando-nos a objectivos que anteriormente desconhecíamos. Quando mais reduzimos e endurecemos as nossas maneiras de contar histórias, mais pobres e famintos ficamos” (Mair, 1989, cit por Crossley, 2002, p. 2).

Percebemos assim, que o processo de linguagem e de contar histórias torna a evolução humana e a sua existência explicável, ajudando-a instintivamente na criação de novas oportunidades e na procura de reflexão. Torna-se central, no desenvolvimento de uma psicologia da narrativa, a distinção e a percepção de ordem de significado fenomenológicamente (Crossley, 2002), cujo um dos princípios é a experiência do tempo e temporalidade, diferente de tudo o que fora estudado pelas ciências naturais, visto que o reino de significado humano, se encontra subscrito a uma actividade, que incorpora tanto, o tempo como o significado.

Um sujeito, percebe, pensa, interage consoante um padrão de estruturas narrativas, como é avançado por Sarbin (1989): “A história é um símbolo de acções humanas com uma dimensão temporal. Um história tem um início, meio e fim (...). A história é construída, por padrões de eventos reconhecíveis, chamados de enredo. Central à estrutura do enredo estão problemas humanos e a suas tentativas de resolução” (cit por Crossley, 2002, p. 3). Estabelece-se por fim, uma relação entre a experiência humana e o seu percurso, com uma complexa narrativa, comparando a referida experiência àquela de uma personagem fictícia, num enredo específico.

Noutra perspectiva, nomeadamente a de Paul Ricoeur (1994) em “*The Self and Narrative Identity*”, referindo-se à vida narrativa e às personagens, avança com o conceito de natureza da identidade narrativa, afirmando que esta se mostra-se a si própria, na dialéctica do self, estudando-a, como ela surge.

Um conceito essencial, é o de identidade narrativa, pois é esta que define a personagem. A nível do enredo, a identidade é descrita como, uma busca entre concordância e discordância, sendo que a primeira é a ordenação de factores e, a segunda os factos que tornam a situação inicial da personagem, numa situação terminal, ou seja, os eventos que levam ao fim da narrativa. A identidade da personagem, só é compreensível através das operações no enredo, pois a personagem, também é enredo (Ricoeur, 1994).

Ricoeur (1994), apela ainda à unidade da vida narrativa, e à necessidade de ser vista como uma mistura instável, entre fabulação e experiência, isto porque, devido ao carácter alusivo da vida real, torna-se precisa a ajuda da ficção para organizar a vida retrospectivamente, balançá-la.

Denota-se assim, a importância da literatura no estudo da condição humana, nas operações que transformam o ser ao longo da sua vida, sendo estas as experiências que o moldem ou a interacção com outros. Ao comparação da vida a uma narrativa, apresenta-se como apropriado quando são tidas em contas os diversos eventos que moldam o enredo. Como foi referido anteriormente, considera-se que a utilização da literatura foi a primeira indução no estudo da humanidade, das emoções que a compõem e as experiências que a moldam.

A narração de uma história, por mais diferente que seja da realidade, comporta um vasto leque de acontecimentos que podiam ser comuns a diversos sujeitos, tornando as personagem de qualquer história como um objecto de estudo, desde que, tenham as características referidas, a análise de uma personagem, para além de procurar compreender o seu estado e as suas vivências, fomenta a percepção em relação à condição humana.

## **Sobre o Cavaleiro da Triste Figura**

Tendo abordado a loucura e as suas características definidoras, torna-se possível, recontar a história de Dom Quixote e percebê-lo, não apenas como uma personagem literária, mas também como um homem, deserto de realidade, com particularidades que tornam a sua relação com os outros e o mundo, única. Madariaga (1978, cit por Beá e Hernández, 1984) relata que Cervantes, intencionava que Dom Quixote, fosse um cavaleiro modelo, tal como aqueles existentes nos livros da época, contudo, esta intenção acabou por se mutar numa paródia aos valores da cavalaria defendidos nos referidos livros. A obra de Cervantes acabou, por se tornar, não só numa crítica, mas também como um marco para a literatura europeia.

Quando se menciona o Dom Quixote, rapidamente se identifica o Cavaleiro da Triste Figura e as suas diversas aventuras pelo reino de Espanha. Conta-se que “Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito tempo, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor.” (Cervantes, s/d, p.14 ).

Vítima de uma exposição prolongada a histórias épicas da cavalaria andante, Alonso Quijano, sossegado nobre, imerge na loucura e, ignorando o conselho da família, dos seus amigos mais próximos, talha uma armadura, de velhos materiais, empenha uma espada, baptiza o seu fraco e cansado cavalo de Rocinante e, parte em busca de aventura, experienciando o resto da sua existência como um cavaleiro andante (Kopp, 1972).

É assim que, proclamando os antigos valores de justiça social e em busca de glória, Dom Quixote parte pela Espanha do século XVII, esperando corrigir os males da sociedade. Exagerando, constantemente a sua importância e das coisas com que se depara, Dom Quixote, achou-se suficiente para eliminar a maldade do seu mundo, dedicando a sua demanda a Dulcineia de Toboso, uma camponesa natural de uma aldeia próxima, que nunca chegara a conhecer. (Kopp, 1972).

A sua demanda, intrigante para todos aqueles que conheciam o fidalgo, constitui uma sucessão de peripécias, narrados por Cervantes, que adopta o papel de tradutor para o imaginário Cid Hamete. Desde que foi armado cavaleiro numa estalagem que julgava ser um castelo, até à sua

investida contra os moinhos, ou as diversas batalhas que travou, Dom Quixote, tocou muitos dos que o conheceram.

De todas as relações que o Cavaleiro da Triste figura teve, uma das mais marcantes será talvez, a com Sancho Pança, o seu escudeiro, o seu oposto. Sancho, um pequeno camponês da aldeia do seu amo, contrasta com a loucura deste último, pelo seu forte senso-comum e, a sua necessidade de ver para crer (Kopp, 1972). Com a sua perspectiva popularizada da realidade, Sancho Pança, acaba por servir como um elo de ligação entre o seu amo e o mundo com que perdera contacto.

Contrariando o ego-idealismo da loucura de Dom Quixote, Sancho actua então como uma ponte, a realidade do seu amo existe com ele. Obedecendo aos seus instintos, o escudeiro chega a salvar o Cavaleiro da Triste Figura, de morte certa (Deutsch, 1937). Sancho Pança, é assim, parte fulcral no desenvolvimento do seu amo e da história.

A sanidade, eventualmente voltou a atingir Dom Quixote, no seu leito de morte, após ter sido derrotado na sua demanda. Deitado sobre a sua cama, a personagem, abandona aquilo que foi, para voltar a ser Alonso Quijano, rogando pragas aos livros que o enlouqueceram. O psicólogo, Sheldon Kopp (1972), referindo-se à insanidade de Dom Quixote, termina proferindo: “Se é este o vinho da loucura, digo: Venham-me encher o copo” (p. 92), mostrando que perante uma vida aborrecida e demasiado sã, é necessário uma porção de insano.

Apesar de terem sido em grande parte fantasiadas, as vivências do Engenhoso Fidalgo da Mancha, acabaram por ser largamente inspiradas pelas experiências do seu criador, Miguel Cervantes que, fez uso dos seus conhecimentos relativos ao mundo da cavalaria e das suas viagens para criar a personagem. Tal como Dom Quixote, também os pais de Cervantes foram viajantes, tendo abandonado o seu filho, com o objectivo de fugir às autoridades da coroa de Espanha. Miguel terá baseado a relação do seu pai com a sua mãe durante a sua fuga, naquela de Sancho Pança e Dom Quixote nas suas aventuras, eternos companheiros (Lichtenberg, 2010).

A publicação de Dom Quixote, surgiu quando Cervantes se encontrava numa idade já avançada para a época, tornando a sua obra numa resposta às ansiedades causadas pelo aproximar da velhice e, da inevitável morte, tal como é explicado por Beá e Hernández (1984), num artigo de inspiração psicanalítica. A personagem de Alonso Quijano, antes de se tornar no famoso cavaleiro, partilha várias características com Cervantes, o que leva a conjecturar que, a sua transformação em Dom Quixote, pode também ser uma resposta psicopatológica à sua incapacidade em lidar com as mesmas angústias do seu criador (Beá e Hernández, 1984).

A criação de Cervantes, o seu louco, interage com várias pessoas, de diferentes mentalidades, ao longo da sua viagem, sendo recebido de diversas maneiras. Dom Quixote, expressando-se ou com ira, ou com riqueza ética e intelectual, transmite àqueles em que entra em contacto, um leque de reacções que abrangem, o gozo, risos, ou em algumas ocasiões a admiração (Beá e Hernandez, 1984).

Pode-se caracterizar as aventuras de Dom Quixote, como o desenrolar de um sonho, onde o material pertence ao pensamento alucinatório, como é referido por Beá e Hernández (1984). Os mesmos autores, formulam ainda, a hipótese de que o fidalgo, Alonso Quijano, uma vez confrontado com o seu envelhecimento e com a eminência da sua morte, é invadido por sentimentos de culpa e uma ansiedade perante o seu destino, sendo que a maneira do evitar estas ansiedades depressivas e paranóicas, é tornar-se Dom Quixote, tornando o delírio numa forma de conter um sério colapso mental.

A interpretação de Beá e Hernández, assemelha-se em muito, ao conceito existencial de angústia de morte e às soluções encontradas por indivíduos, que dela sofrem. Yalom (1980), menciona que, todos os sujeitos são confrontados com angústia de morte e que, a maior parte deles desenvolve estratégias para a contrariar, sejam estas baseadas na negação, repressão, supressão, crença na própria onipotência, ou na aceitação de crenças religiosas. Todas estas, soluções para “enganar” e ultrapassar a morte. Eventualmente, a morte acaba por ser inevitável, facto que se acabou por apoderar de Dom Quixote e, tendo finalmente consciência deste, retorna à realidade e falece num dos momentos mais marcantes da literatura (Deutsch, 1937).

Froggett e Kaufman (2002), avançam com o conceito de “humanismo quixótico” que, segundo os mesmos, sugere tanto psicologicamente como filosoficamente, um complexo processo de perceber a realidade interior e exterior de cada um, sendo então, um paradigma positivo ao invés de degenerativo.

Os actos de Dom Quixote, são vistos por várias personagens da obra, como uma loucura, algo que não deve ser levado a sério, contudo, é o próprio texto que a nega, transmitindo a ideia de que os devaneios do cavaleiro não passam de um “crise de meia idade” (Froggett e Kaufman, 2002). É numa epifania que Alonso Quijano se torna Dom Quixote, abarcado por uma realização absurda, percebe que tem de passar por uma mudança, ou talvez enfrentar o suicídio. Assim afastou, o fidalgo, a morte psíquica da existência confortável que o esperava. A loucura de Dom Quixote e as suas aventuras, são-lhe indispensáveis à sua regeneração e ao seu crescimento como pessoa, definindo o “humanismo quixótico” como a afirmação das possibilidades na vida (Froggett e Kaufman, 2002).

A psicose do Cavaleiro da Triste Figura, para além de afastar as tendências depressivas do seu verdadeiro *self*, actua também como uma barreira contra as ansiedades exteriores. Assim, Dom Quixote utiliza a sua loucura como uma defesa contra investidas exteriores e, aquando do seu fracasso, faz a culpa assentar sobre imprevistos que o impedem de ser bem sucedido, dá-se assim, uma racionalização das suas derrotas, culpabilizando elementos exteriores, inconscientemente (Watt, 1997).

A defesa estabelecida por Dom Quixote, é considerada positiva, contudo, não deixa de o lançar numa solidão incomparável. Enquanto vivia como Alonso Quijano, era dominado por um vazio intransigente, sem esperança de mudança, considerava-se inútil, para ele e para outros, não se prestando à realidade, isolando-se (Robert, 1977). No entanto, aquando a sua transformação, apesar de ter criado um mundo seu, Dom Quixote, separa-se inevitavelmente da realidade, afastando as personagens secundárias, que não se incomodam com a exclusão e o ignoram, preferindo atacá-lo para o seu próprio divertimento. Mais uma vez, a existência de Sancho Pança, vai ter um papel fundamental, pois significa tudo aquilo que Dom Quixote havia rejeitado, o escudeiro vai reflectir um conflito entre o corpo e a mente (Robert, 1977).

A análise da personalidade de Dom Quixote, está aberta um vasto tipo de interpretações psicológicas, sendo que a obra constitui uma criação literária cuja personagem, e a sua pessoa são exploradas artisticamente, expondo as suas íntimas características.

Os principais estudos relacionados com a lendária personagem assentam numa abordagem psicanalítica, existindo claro, estudos de outras abordagens e, focados até na descrição da sua personalidade, como é o caso de Huarte de San Juan (1989, cit por Pérez-Álvarez, 2006), ao referir que o temperamento de Dom Quixote é, inicialmente, colérico, mas devido às várias circunstâncias que englobam o enredo, acaba por se mutar num estado de espírito melancólico.

Para todos os efeitos, é aplicada uma visão psicológica a esta personagem, situada num contexto cultural, no qual a história é desenvolvida e criada, implicando por parte de Cervantes também um estado melancólico característico da época, o que permite examinar a construção desta obra literária e analisar as suas personagens e as respectivas vivências (Pérez-Álvarez, 2006).

Pérez-Álvarez (2006), considera que para compreender o enlouquecimento de Dom Quixote e, a confusão entre a realidade e a ficção contida nos livros de cavalaria que a personagem absorvia, é necessário ter em conta, a imitação, a cópia de modelos ficcionais como uma vivência quotidiana, caracteriza-se então o estado de Dom Quixote, como uma mimese encabeçada ao extremo, contudo é necessário ter em conta que, o estado de mimese, ocorre frequentemente, em ligeiras parcelas, na leitura de um livro, na envolvimento com o mesmo (Pérez-Álvarez, 2006).

A análise da personagem de Dom Quixote, colheu frutos, na medida em que, emergiu em contexto psicológico uma distinção do estado do protagonista e outros semelhantes, chamado de o Princípio Quixótico, a adopção de uma identidade de acordo com personagens literárias (Pérez-Álvarez, 2006).

Quando se menciona Dom Quixote, há uma tendência para manter oculto Alonso Quijano, o homem que o cavaleiro fora antes da sua loucura. Quando Alonso decide adoptar o nome de cavaleiro, não cancela quem anteriormente fora, contrariamente, permanece ambos, sendo que o seu ser original surge em eventos que assolam dúvida sobre a empresa de Dom Quixote (Pérez-Álvarez, 2006).

O eterno Cavaleiro da Triste Figura, aquando a sua morte, não é destronado pela consciência da loucura, de que o anterior estado ao seu falecer fora produto da sua imaginação, pelo contrário, Dom Quixote, é destruído pelas intervenções de outros e, como tal Pérez-Álvarez (2006), refere que Alonso Quijano morre, num último acto heróico, não como um nobre, mas com o que restava de Dom Quixote, um derrotado cavaleiro.

Talvez, de uma maneira inconsciente, ou premeditada, a passagem pela loucura, acaba por ser uma necessidade humana, se se tiver em conta que, o homem é um ser trágico, apenas reconhece sofrimento, conflito e exasperação, a única maneira de resolver esse soturno fado, é através do ridículo, numa insistência no significado do sofrimento, tendo como objectivo a redenção (Dreyfus e Wrathall, 2006).

Unamuno afirma que, o ser humano encontra significado no conflito, para que este exista, deve haver sofrimento. Ao tentar perceber a experiência ordinária, ao tentar racionalizá-la, o sujeito afasta-se dos conflitos perde a noção do que tem significado. Como solução para este problema, surge a abstracção da vida e das suas dificuldades (Dreyfus e Wrathall, 2006).

Dom Quixote reconhece esta perspectiva, como tal afasta-se da realidade, cria conflitos onde estes não existem. Luta pelo amor de Dulcineia, não por achar que esta é merecedora, mas porque sem o seu esforço a sua vida não teria significado (Dreyfus e Wrathall, 2006). A criação daquilo em que acredita, acaba por se tornar por se tornar ridículo, contudo, é uma expressão da humanidade, uma categoria do conflito.

Dom Quixote torna-se absurdo e é nesta absurdidade que se redime. Recusa conhecer o mundo exterior, pois reconhece que o significado não é extrínseco ao ser humano. Não teme, pois está em controlo de si próprio, segundo Unamuno, Quixote torna-se Deus no seu mundo,

pois foi ele que o criou, transpondo esta possibilidade para o resto da humanidade (Dreyfus e Wrathall, 2006).

As palavras de Unamuno, acabam por ter um significado positivista, estabelecendo que para chegar a um significado, Dom Quixote, precisa primeiro de ter a experiência do sofrimento, de ser transformar, tomar as rédeas da sua existência, algo que não acontecia enquanto Alonso Quijano. Quando o Cavaleiro da Triste Figura, tem por fim esta experiência, redime-se, isto é, retira um significado do caminho que fizera.

A aventura de Dom Quixote, não é um episódio singular apenas para o próprio, indirectamente, as suas viagens captam a atenção do público, há até quem queira, parar com uma ventura que soa, somente a absurdo, tal é o caso da família e amigos do fidalgo que, recusando a vontade deste, recorrem a artimanhas para o ver de novo confinado ao exílio da sua propriedade e, culpando os livros de cavalaria, encontraram-se no direito de os queimar, com o intuito de nunca mais Dom Quixote, voltar à sua demanda (Kopp, 1972).

No que se refere à loucura de Dom Quixote, foi D.Lourenço, personagem do segundo volume, filho de Dom Diogo, o cavaleiro de verde gibão, que melhor a descreveu: “É um louco cheio de intervalos lúcidos” (Cervantes, s/d, p. 129). Tendo percorrido os conceitos de loucura e psicose, bem como elaborado um breve resumo sobre a história de Dom Quixote e as condições que lhe estão inerentes, seja esta o processo de enlouquecimento do fidalgo, a relação com Sancho e as diferentes personagens, ou as dialécticas presentes nas vivências do Cavaleiro da Triste Figura, dignas de serem estudadas, propõe-se de seguida, o método a utilizar na análises destas experiências.

## MÉTODOS

Esta parte do estudo vai prolongar a explicação do método, focando-se, no objecto de estudo da abordagem e as suas características definidoras.

## REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO

A escolha de um método que satisfaça as necessidades do investigador tende sempre, a passar por um escrutínio de uma dificuldade extrema. Dos diversos métodos existentes, escolher um que melhor englobe as características necessárias à análise desejada, prova-se numa escolha intensa, tendo ao longo do meu percurso académico lidado com métodos, principalmente de influência quantitativa, assomava-se a necessidade de explorar fronteiras distantes da referida, como tal, antes até da escolha do tema, afirmou-se a vontade de enverdar por um método qualitativo.

Tendo anteriormente, tido contacto com a fenomenologia e, partilhando dos mesmos pressupostos, nomeadamente a exploração do que surge à consciência, tal como é, a suspensão de pré-conceitos, definiu-se desde cedo, que a fenomenologia se apresentava como, o caminho a seguir, faltando apenas, dentro da mesma definir um método específico, visto existirem, também, vários com as mesmas raízes.

Visto que o estudo de Dom Quixote, implicaria uma análise profunda das vivências da personagem e das influências no outro, partiu-se da premissa, que a fenomenologia hermenêutica, seria crucial, focando-me nos trabalhos de Ricoeur e as suas teorias sobre a narrativa, contudo, dada a dificuldade de tal escolha, o processo moroso que destacaria, optou-se por outro que oferecesse resultados de igual consideração e, promovesse a descrição.

Mudou-se portanto, para a fenomenologia descritiva, tendo como principalmente fonte Giorgi, mas mais uma vez a escolha, revelou-se ineficiente, devido aos sacrifícios que daí resultariam, a nível do conteúdo da obra de Cervantes, seria possível, obviamente aplicar este método, no entanto, desta vez a escassez de tempo e o já referido, exigiam outra abordagem.

Por fim, optou-se por utilizar uma versão adaptada do IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), que apesar de várias diferenças na elaboração e na análise, se baseia em pressupostos fenomenológicos e utiliza, aquilo a que se refere como um dupla hermenêutica, aproveitando, deste modo, alguns dos conhecimentos adquiridos durante a pesquisa da fenomenologia hermenêutica e, podendo assim, adoptar uma postura mais interpretativa que engloba parcelas maiores da obra, Dom Quixote.

## MÉTODOS QUALITATIVOS

Contrariamente à tendência para a elaboração de estudos quantitativos, cuja a força se baseia num método que valoriza o tamanho da amostra em detrimento da qualidade, os métodos qualitativos, adoptando uma postura de preocupação com a descrição naturalista ou a interpretação de fenómenos e o significado para as pessoas que o experienciam (Langdrige, 2007).

Os métodos qualitativos têm vindo a aumentar a sua frequência em diversos estudos, ao longo dos últimos anos, obtendo considerável popularidade na área da psicologia, consequência clara, do desagrado obtido por parte de vários investigadores, relativamente aos métodos qualitativos (Langdrige, 2007).

A busca de alternativas para o estudo da experiência humana, métodos que escapem ao alcance de trabalhos de influência quantitativa e, a necessidade de produzir conhecimento que tenha em conta a subjectividade do indivíduo, permite que os métodos qualitativos se integrem como cruciais. Reconhece-se através deste métodos as diversas áreas do saber humano, e as suas influências, como é o caso da cultura, história de um sujeito e a construção de intersubjectividade, por intermédio da linguagem (Langdrige, 2007).

Considera-se que um método qualitativo, deve abordar as cinco seguintes características, avançadas por Lincoln (2000, cit por Howitt, 2010, p. 7), uma preocupação com a riqueza da descrição, na medida em que o método oferece prevalência à qualidade dos atributos descritivos, uma captura da perspectiva individual, tendo em conta, a individualidade do sujeito e a sua visão única sobre o fenómeno, outra característica, assenta na rejeição do positivismo e de teorias pós-modernas e por fim, a aderência a uma sensibilidade pós-moderna, descrita como a utilização de métodos que privilegiem a experiência de uma pessoa, por intermédio de entrevistas.

Tendo em conta o referido, pode-se afirmar que, os métodos qualitativos têm como preferência a vivência do sujeito, bem como a descrição da mesma, de modo a obter um relato pessoal sobre a devida experiência. Este meio, permite ao investigador, ter uma noção única do

fenómeno a descrito, facilitando uma interpretação subjectiva que enquadra a cultura, a sociabilidade e a história de um sujeito.

### **A fenomenologia**

Dentro dos métodos de análise qualitativa, a fenomenologia é talvez um dos que melhor explica e estuda a experiência humana, devido à particularidade de se concentrar nas vivências intencionais do ser humano, enfatizando o “mundo como é vivido pela pessoa, não no mundo ou na realidade como algo separado da pessoa” (Vallen, 1989, cit por Lavarty, 2003, p. 4).

Visto que a amostra do estudo será, efectivamente a história de Dom Quixote, a personagem principal de Cervantes, e tendo esta uma vivência única na literatura, o método fenomenológico, é o adequado, com o seu ênfase na experiência, tal como ela surge à consciência, como é apreendido pela mesma, procurando descobrir, qual a “essência das vivências intencionais” (Giorgi e Sousa, 2010, p. 47).

Conclui-se então que a fenomenologia é, o estudo “da experiência vivida, ou do mundo da vida” (van Manen, cit por Lavarty, 2003, p. 4). Sendo que, o mundo da vida, é aqui entendido como a experiência pré-reflexiva do sujeito, sem recorrer a conceptualizações ou categorizações, muitos vezes é apenas, aquilo que é comum a todos, o senso-comum, um estudo dos fenómenos, tal como eles são (Husserl, cit por Lavarty, 2003). Para que isto aconteça, é necessária uma técnica que nos permita abstrair temporariamente do exterior, caso contrário, os fenómenos estariam sujeitos a uma contaminação por elementos exteriores, para o evitar, Husserl, criou a *epoché*, que consiste em por “fora de acção o posicionamento geral que pertence à essência da atitude natural (...) que também me exclui completamente de tomar qualquer decisão sobre o ser factual espaço-temporal” (Bernet, Kern e Marbach, 1993, p. 65; Zahavi, 2003, p. 47, cit por Giorgi e Sousa, 2010, p. 49).

A *epoché* permite aumentar a capacidade de reflexão, afastando-a de precedentes, da influência do mundo natural, podendo assim, examinar os fenómenos com uma atitude natural, directa e intuitiva (Giorgi e Sousa, 2010). A *epoché* pressupõe assim, uma abstracção de todos os dados não fornecidos pelo fenómeno, isto é, dados que possam moldar a nossa

atitude, como os de qualquer disciplina científica ou regras sociais existentes, excluem-se todas ciências relacionadas com o mundo natural, perdendo a sua importância, não utilizando os seus critérios, mesmo que evidentes, não são utilizados nenhuma das suas características (Husserl, 1912/1998, cit por Giorgi e Sousa, 2010).

A suspensão das crenças e pré-conceitos existentes, permite enfatizar a investigação subjectiva estudando: “como a consciência enquanto correlato intencional do mundo produz sentido sobre as coisas e o outro” (Giorgi e Sousa, 2010, p. 50). Vê-se a redução fenomenológica, intrinsecamente ligada à *epoché*, no entanto, a primeira, entende-se centrar exclusivamente na correlação entre o objecto da experiência e a experiência do mesmo.

Sendo o objectivo de estudo da fenomenologia, a intencionalidade, não basta colocar entre parêntesis o pensamento, é requerido, aquilo a que Husserl chamou de variação livre imaginativa, ou redução eidética, que consiste em fazer variar a estrutura do fenómeno, de modo a descobrir, a estrutura invariante, sem a qual ele não pode existir, seguido de uma análise intencional, o que permitirá descrever a experiência concreta e como foi construída (Lavarty, 2003).

Apesar de se já ter definido um método para analisar a obra em questão, existem, dentro da própria fenomenologia, várias abordagens para o fazer. A mais conhecida é a fenomenologia descritiva, que passa por uma descrição intensa dos fenómenos para chegar à essência dos mesmos, como foi referido anteriormente. Contudo, ajustando-se às necessidades deste estudo, o IPA, assume-se como um método de moderada flexibilidade, dando alas a uma análise mais interpretativa da personagem e a possibilidade de também, enquadrar a hermenêutica, parte integrante do método.

## **Fenomenologia Hermenêutica**

No grego, raiz para a grande maioria dos dialectos da cultura ocidental, como ela se conhece, a palavra hermenêutica, derivava do verbo “hermeneuein”, que significa, interpretar, ou perceber (Crotty, 1998; Palmer, 1969, cit por Holroyd, 2007). Com esta definição etimológica em mente, pode-se considerar, que o papel principal, da hermenêutica, passo por entendimento, daquilo que estuda, seja uma vivência de um sujeito aleatório, ou um diálogo de uma personagem fictícia.

A Hermenêutica, não se preocupa com padrões mensuráveis, estímulos ou resposta, mas sim com a condição humana, com os encontros, a mundaneidade e o significado (Van Manen, 1977, cit por Holroyd, 2007). A experiência humana, é vasta e difusa, um sujeito, é constantemente impelido a procurar significado, o ser humano encontra-se sempre em reflexão, movido por diferentes ideologias ou modos de compreender o mundo. O homem, encontra-se em mudança, numa cadência irreconhecível, é motivado e interessado, numa vasto leque de propriedades. A hermenêutica proporciona uma oportunidade para estudar toda esta subjectividade, reconhecendo primeiramente, que todas as experiências humanas são ricas e complexas (Holroyd, 2007).

Quando se fala em hermenêutica, deve-se inevitavelmente, falar em Heidegger, visto ter sido um dos principais pioneiros na mudança de paradigma, isto é, na transição do conceito de intencionalidade como teoria de significado para, uma teoria do ser. A intencionalidade, passava assim a ser descrita como fazendo parte da própria consciência (Cashin, 2003).

Husserl e Heidegger, discordavam no modo em como explorar a experiência vivida, enquanto o primeiro, procurava perceber o fenómeno, o segundo insistia na compreensão do Dasein (Lavery, 2003). Este termo, refere-se ao ser, à existência de cada um, sendo que varia consoante a pessoa, tal como a sua essência (Heidegger, 1962). Uma vez que o Dasein, vai diferir, consoante a pessoa, também a sua interpretação e a experiência de alguém, em determinado momento, dando lugar a diferentes análises.

A fenomenologia hermenêutica, possibilita-nos a interpretação de significado adquirido no texto, sendo que a interpretação, “é o processo através do qual um significado plausível, novo ou renovado, é construído (...) Este processo, é considerado circular, visto que, à uma separação entre o específico e o todo, bem como, entre a projecção de significados e a antecipação da compreensão” (Cashin, 2003, p. 76).

Pode-se então dizer que, esta metodologia, está orientada para “a produção de descrições textuais ricas da experiência de um fenómeno distinto, no mundo dos indivíduos que conseguem connectar-se com a experiência de todos colectivamente” (Smith, 1997, p. 80, cit por Ajjawai e Higgs, 2007, p. 616). Com a hermenêutica, pode-se ter acesso a uma interpretação mais profunda, dos fenómenos alvos, por intermédio de uma descrição detalhada, facilitando assim, a procura por um significado que a vivência teve para o sujeito.

## IPA- INTERPRETATIVE PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS

Dentro dos diferentes métodos qualitativos, é possível identificar vários ideais a uma análise da personagem Dom Quixote, no entanto, entre os diversos destaca-se o IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), empenhado no estudo de como os sujeitos fazem sentido das suas vivências, e na exploração da mesma. Agarrando conceitos da filosofia de Edmund Husserl, o IPA, procura examinar como a experiência vivida no quotidiano de um indivíduo, pode ter um particular significado (Smith, Flowers, Larkin, 2009).

Um sujeito que sofre uma modificação súbita do seu comportamento normal e se envolve na reflexão do significado que esta nova experiência tem para si, pode ser um alvo do IPA, pretendendo estudar estas reflexões com detalhes e, como o sujeito faz sentido destas (Smith, Flowers, Larkin, 2009).

O IPA retira os seus fundamentos de grandes teorias fenomenológicas e existencialistas como Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger, Sartre, entre outras, referindo que, o trabalho de Husserl estabelece uma importante relevância, na sua tendência para a descrição da experiência e o seu foco na mesma. Já as obras de Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, permitem uma visão mais interpretativa dos fenómenos, afastando-se ligeiramente das tendências descritivas presentes em Husserl, movendo-se para uma compreensão mais abrangente da posição do sujeito no mundo e o seu envolvimento no mesmo, propriedades da relação com este (Smith, Flowers, Larkin, 2009).

Além da fenomenologia, sendo o IPA, um método principalmente interpretativo, retira da hermenêutica, fundamentos para tal. A hermenêutica, surgiu inicialmente como um método de análise de textos bíblicos, tendo-se desenvolvido numa abordagem filosófica de considerável importância, preocupando-se também com uma análise de outros textos e, a possibilidade de revelar o que o autor desses podia ter em mente, na altura da criação literária (Smith, Flowers, Larkin, 2009).

Sendo um método interpretativo, o IPA baseia-se em teorias da interpretação hermenêuticas, pode-se até afirmar que o IPA utiliza uma dupla hermenêutica, pois procurar perceber o

sentido do participante, quando o próprio procura esse sentido. O método é fundamental na especificação detalhada daquilo que a experiência é para a pessoa e qual o sentido que esta daí retira, introduzindo-se portanto, numa perspectiva ideográfica (Smith, Flowers, Larkin, 2009).

O IPA apresenta-se como um método de análise fenomenológica interpretativa, comumente utilizado, sendo que existem dois tipos de aplicações deste método, uma abordagem básica, aplicada a pequenas amostras que permite ao investigador examinar um único caso, ou as relações estabelecidas entre vários, o segundo tipo de procedimento, mais abrangente é recomendado para análises com amostras superiores (Fade, 2004).

A primeira abordagem referida, a análise de estudo de caso ideográfica, proporciona uma exploração e desenvolvimento aprofundado de descrições relativas a um único caso, percebendo o que é, de facto, importante para o sujeito em relação ao fenómeno. (Fade, 2004)

O IPA comporta uma preocupação com o estudo da vivência humana, da experiência vivida, conduzindo um exame que permitira à experiência expressar-se, tal como é, absorta de pré-conceitos, ou estipulações anteriores que a pudessem enviesar. Para o IPA, inclui-se sempre uma análise interpretativa, relativa a um fenómeno, percebendo qual o seu sentido (Smith, Flowers e Larkin, 2009).

A abordagem é, como foi já referido, fenomenológica e envolve a exploração do mundo da pessoa, a sua perspectiva em relação a um fenómeno. O IPA, pretende também, partir de uma interpretação detalhada, planeando elaborar perguntas necessárias, de modo a compreender o evento ou acontecimento (Smith e Osborn, 2008).

Pode-se afirmar que o IPA, assume um compromisso com o sujeito, como um ser cognitivo, linguístico e afectivo, que abarca a relação da pessoa com o seu pensar e estado emocional. Perceber as conexões mencionadas, constitui um trabalho árduo, como tal, é necessário ao investigador, durante o processo de interpretação, perceber este estado emocional e interpretá-lo, caso não seja possível ao sujeito, revelá-lo. O IPA, tem portanto, apesar dos paradigmas filosóficos em que assenta, uma ligação estreita com a psicologia cognitiva, na procura de significado e, na rejeição do paradigma behaviorista. (Smith e Osborn, 2008).

O método de recolha de informação mais comum, utilizado pelo IPA, é a entrevista, seja esta estruturada, ou semi-estruturada, sendo que a amostra utilizada, é normalmente baixa. As perguntas de investigação, neste método são tradicionalmente abertas, de modo a abarcarem o necessário a uma interpretação (Smith e Osborn, 2008).

Visto que, o objecto de estudo assenta numa personagem literária, os métodos habituais de recolha, entrevista, não são utilizados, partindo directamente, a uma interpretação do conteúdo descrito na obra, incluindo o discurso directo do personagem, bem como, as descrições feitas à mesma, em momentos diferentes, de modo a compreender as mudanças que se operaram ao longo do enredo.

#### IPA – ANÁLISE

A compreensão do mundo do sujeito, é o principal objectivo do IPA, observados através do comportamento daquele que responde, das suas crenças e constructos manifestos, tornando o significado essencial, a percepção da profundidade inerente ao pensamento do sujeito, a sua complexidade ao invés da sua frequência (Smith e Osborn, 2008).

O processo operado na compreensão e na análise do conteúdo providenciado pelo sujeito, envolve por parte do investigador uma relação de elevada preocupação com o que é transcrito (Smith e Osborn, 2008), seja isto uma entrevista obtida, ou o os conteúdos de um diário ou livro, que caracterizem o indivíduo. Para então, chegar ao mundo social do sujeito, é necessário estabelecer com o texto uma forte relação, permitindo o a interpretação.

Uma análise qualitativa, enquadra sempre, um processo pessoal, sendo que a análise vai ser resultado da interpretação do investigador em fases iniciais. Como tal, para uma correcta aplicação do IPA, é crucial que, o investigador releia o transcrito diferentes vezes, de modo a familiarizar-se com o texto e anotar, na margem, o que considera interessante ou significativo, relativamente ao que o sujeito disse (Smith e Osborn, 2008).

O processo referido é repetido durante as várias leituras, ao longo do transcrito, sendo que, ao recomençar a ler, a margem oposta à anteriormente utilizada, servirá para documentar os temas emergentes ao longo do texto, onde as notas iniciais são transformadas em frases, tendo como propósito, identificar o que de essencial tem o transcrito, utilizando, nesta altura uma terminologia mais psicológica (Smith e Osborn, 2008).

De seguida, operacionalizam-se as notas retiradas do texto, elaborando uma lista com as temáticas emergentes e uma procura das relações entre estas, para tal, no princípio, é criada uma lista, por ordem cronológica do aparecimento das temáticas no que fora transcrito. O passo seguinte, consiste em agrupar estas temáticas, o que requer um pensamento analítico e teórico, propício à sua organização. Quando emerge o agrupar de temáticas, deve-se confirmar com o texto se, estas correspondem ao que é dito pelo sujeito (Smith e Osborn, 2008).

A organização das temáticas consiste, num ordenar coerente das referidas, destacando-as com instâncias do texto, que actuam como uma palavra chave, ao lado é colocado a página referente a essa instância, de modo a que seja identificada facilmente (Smith e Osborn, 2008).

Passa-se de seguida, a um processo interpretativo que permite, dar prioridade a algumas temáticas e reduzi-las, sendo que esta operação não é elaborado, somente, através dos dados obtidos, mas também pela riqueza de determinadas passagens e a sua importância ao tema (Smith e Osborn, 2008).

Para finalizar, segue-se uma transcrição escrita das temáticas principais, exibindo o significado inerente aos sujeitos e, a sua experiência. Esta fase baseia-se na criação de um texto que envolva as temáticas analisadas e o seu significado, distinguindo especificamente aquilo que é dito pelo indivíduo e as dilações do investigador (Smith e Osborn, 2008).

## RECOLHA DE DADOS

Sendo o objecto de estudo uma personagem fictícia, o principal material de investigação, bem como os dados, serem retirados exclusivamente da obra “*O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*”. O estudo não é composto pela totalidade do livro, ao invés, para dar conta da

experiência da personagem e perceber quais as mudanças operadas, foram retirados capítulos específicos da obra, que permitiram uma análise deste tipo.

Utilizou-se na transcrição as descrições aplicadas pelo autor à personagem, bem como, componentes do discurso directo dos envolventes da história. A escolha dos capítulos baseou-se na experiência de leitura da obra e, na importância dos momentos escolhidos na vida da personagem.

## O MÉTODO

É necessário referir que o IPA permite apenas o estudo da vivência de sujeitos reais, excluindo assim personagens literárias ou fictícias. Como tal, a versão aqui aplicada deve-se considerar como uma adaptação deste, utilizando as mesmas metodologias mas, diferindo na amostra. Durante a aplicação, nomeadamente, ao fazer emergir os temas, teve-se uma postura, mais fenomenológica, colocando entre parêntesis os pré-conceitos, como foi anteriormente referido ao especificar a fenomenologia.

A restante análise, consistira na aplicação básica do IPA, tendo obviamente, uma posição interpretativa na análise dos temas. Considera-se o método como uma versão adaptada do IPA, não só por ter uma amostra, mas também pela sua aplicação a um texto invulgar à comum investigação. A pertinência da utilização do IPA neste contexto, define-se através da vasta ligação entre a psicologia e literatura e, como é descrito inicialmente, a semelhança entre o desenvolvimento humano e a narrativa.

## RESULTADOS

### **Introdução**

Identificaram-se na análise do transcrito, os temas abaixo referidos, tendo em conta o que é descrito pelo autor e outras personagens, acerca do objecto de estudo.

### **Tabela de Temas**

#### Vivência do quotidiano

*Repetição de comportamentos*  
*Fixação nos livros de cavalaria*  
*Desejo de mimese*

#### Experiência da realidade

*Abstracção da realidade*  
*Agressividade*  
*Motivações*  
*Aparência de sanidade*  
*Self exagerado*  
*Identificação com uma realidade específica*

#### Reflexão sobre o passado

*Melancolia*  
*Retorno à normalidade*  
*Ódio*  
*Arrependimento*

O emergir dos temas surgiu, através do estudo de diversos capítulos, pertencentes à obra, *O Engenho Fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (Anexo 1). Retirados excertos do livro, prosseguiu-se na leitura dos mesmo e, no evidenciar dos temas que mais sobressaíram (Anexos 2 a 7), passando, por um processo de filtração que, forneceu a tabela em cima mencionada, constituída por três temas superordenados, e por diversos subtemas, que interligados (Anexo 8), caracterizam o principal. A tabela acima referida, pode ser vista em detalhe, no Anexo 9, com as principais citações que a caracterizam.

A descrição e análise dos temas referidos, começará por uma breve explicação do significado do tema superordenado, seguido de uma análise dos subordenados, onde se encontrará, uma interpretação dos mesmos, tendo em conta excertos da obra e, a influência que o mencionado,

tem na personagem principal, Dom Quixote. Este processo, terá como fim, dar indícios da vivência do sujeito ao longo da narrativa, identificando as principais mudanças operacionalizadas e a sua experiência.

### **Vivência do quotidiano**

Esta secção, terá como principal função, demonstrar a vivência da personagem nos momentos iniciais da obra, antes da sua transformação em Dom Quixote, de modo a identificar quais os factores fundamentais no seu quotidiano, indagando sobre as razões que o levaram à mudança.

### ***Repetição de comportamentos***

Embora seja ténue, a descrição oferecida pelo autor, relativamente aos momentos que antecederam ao surgimento de Dom Quixote, sabe-se que anteriormente, este se chamava Alonso Quijano, um fidalgo de posses médias, residente na região da mancha. Inicialmente, são dadas referências ao seu dia-a-dia.

*“Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras, algum pombito de crecença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver.”*

É assim, descrito o quotidiano de Alonso Quijano, dominado por uma avultada repetição, caracterizada por refeições que se repetiam ao longo da semana, previamente designados, embora sejam escassos os pormenores, este tipo de comportamento registava-se ao longo de todas as semanas, sendo que esta repetição se estendia também a outras áreas da sua vida: *“O remanescente, levavam-no saio de belarte, calças de veludo para as festas, com seus pantufos do mesmo; e para os dias de semana o seu bellefort do mais fino.”*

A informação mencionada, é pobre, no entanto, pode-se deduzir que, Alonso, aos cinquenta anos, tendo repetido os mesmos actos diariamente ao longo da sua vida, conhecendo apenas os

desígnios da moradia a que se restringia, se viu mergulhado em tédio, consequência do isolamento à sociedade que o rodeava.

*“É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalaria...”*

Subscreve-se, a partir deste excerto, à noção de que o sujeito, se envolvia no tempo que restava, nas folgas dos seus deveres, que eram em demasia, na leitura de livros de cavalaria. Apesar da menção a outro tipo de actividades, esta era sem dúvida, aquela mais praticada por Alonso, evidentemente, sozinho, sem a companhia de outrem, contribuindo para ainda mais para o isolamento.

Existem, contudo, vários tipos de isolamento, sendo que um dos mais comuns é o isolamento interpessoal, caracterizado principalmente, pelo sentimento de solidão, ou a falta de capacidades sociais (Yalom, 1980). No caso de Alonso Quijano, não há nenhuma referência a este tipo de sensações, há no entanto, por intermédio da leitura dos livros de cavalaria, uma separação entre o seu ser e, todo o resto, o que vai de encontro às características de isolamento existencial, descrito por Yalom (1980), como uma separação entre o indivíduo e o mundo.

### ***Fixação nos os livros de cavalaria***

O sujeito demonstra inicialmente, não uma obsessividade com os livros de cavalaria, visto que implicaria uma ego-distonía com os seus actos, mas sim uma fixação nos mesmos, que o levaram a abstrair-se de todas as suas habituais tarefas.

*“...com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo o exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de semente para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele género.”*

Dá-se conta da necessidade sofrida por Alonso em adquirir quantos livros pudesse, afastando-se do exercício das suas funções, mergulhando na leitura dos mesmos, isolando-se cada vez

mais da realidade exterior. A procura desenfreado por livros assemelha-se, de facto, a uma compulsão, distanciando-o do seu quotidiano.

*“Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo; e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o lograria, ainda que só para isso ressuscitara.”*

O autor, começa por evidenciar aqui, do primeiro momento, em que Alonso, persegue um significado nos livros, visto a realidade dos mesmo não lhe ser suficiente, ou acordar com o seu pensamento, ainda que as histórias, fossem ausentes de sentido.

*“Porém, contudo louvava no autor aquele acabar o seu livro com a promessa daquela inacabável aventura; e muitas vezes lhe veio o desejo de pegar na pena e finalizar ele a coisa ao pé da letra, como ali se promete; e sem dúvida alguma o fizera, e até o sacara à luz, se outros maiores e contínuos pensamentos não estorvavam.”*

Descontente com o desfecho de algumas das histórias que lia, Alonso, investe em terminá-las, oferecer-lhes o sentido que o próprio lograva, o desejo de lhes dar o significado que ele parecia não encontrar.

### ***Desejo de mimese***

Uma vez que emendar a ficção, não era suficiente, o sujeito passou então, por um processo de desejo na reprodução do lido, encetar ele mesmo, as histórias em que se envolvera.

*“Afim, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo; e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante...”*

É descrito que Alonso, entrar num estado de loucura quando o seu pensamento, se orientou para a reprodução do que lera, a busca de fama pelos feitos, numa altura, em que há muito se haviam extinguido os ideais representados.

*“...ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo o que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o género de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, de onde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama.”*

É necessário mencionar que, este desejo em mimetizar o comportamento dos personagens de que tomara conhecimento nas suas leituras, dava conta de uma mudança extrema, relativamente ao seu dia-a-dia e, a sua inexperiência em restantes actividades, poderia ser-lhe prejudicial, como é descrito. Mas, como a sua realidade enquanto Alonso Quijano, era já dominada por estes pensamentos, para a personagem, era lógico dar-lhe continuidade.

### **Experiência da realidade**

Dá-se conta neste tema, da realidade como vivida por Dom Quixote, quais as vicissitudes que a sua experiência da realidade possuía, bem como, o que a caracterizava, em diversos momentos.

### ***Abstracção da realidade***

Surgem no texto, pela primeira vez, indícios da vivência de uma realidade diferente, quando Dom Quixote, após ter abandonado a sua aldeia e as suas funções enquanto Alonso Quijano, se dirige a uma estalagem que toma como um castelo.

*“Possas esta mesma noite velar as armas na capela do vosso castelo, de modo que amanhã, como fica dito, se celebre o que tanto ambiciono para poder, em devida forma, correr as quatro partes do mundo em busca de aventuras...”*

Dom Quixote, dirige-se aqui ao estalajadeiro, pedindo-lhe que o arme cavaleiro. Além da confusão aparente entre a estalagem e um castelo, há a personagem confunde também a ocupação do estalajadeiro, crendo que se tratava de um outro cavaleiro, que o pudesse ajudar. Estabelece-se assim, uma abstracção entre a realidade como ela é e, como Dom Quixote a vê.

*“Ò tu, temerário cavaleiro, quem quer que sejas, ousas erguer mão para as armas do mais valoroso andante que jamais cingiu a espada!?”*

A troca de identidades, por parte da personagem continua ao longo do texto, sendo que, nesse mesmo capítulo, encara um simples homem, cujo o único desejo era água para um dos seus cavalos. A abstracção e a confusão identitária abarcam grande parte da vivência de Dom Quixote, a sua convicção na veracidade do que vê, estende-se largamente a todo o seu percurso.

*“Amigo dá-me esse elmo, que, ou pouco sei de aventuras, ou o que ali descobro é alguma, que me há-de obrigar a pegar em armas.”*

Após ser introduzido a um outro fidalgo, Dom Quixote depara-se com uma carroça que transportava animais e, avistando-a ao longe, acredita ser uma aventura que lhe impõem. Há neste momento um confronto, entre diferentes realidades, a da personagem e, a de o fidalgo e Sancho Pança, sendo que, o primeiro lhe indica que, a “aventura” não passava de um carro. *“O de Verde Gabão, que isto ouviu estendeu a vista por todas as partes e, não descobriu outra coisa senão um carro que para eles vinha, com duas ou três bandeiras pequenas, que lhe fizeram supor que o tal carro devia trazer dinheiro de Sua Majestade, e assim o disse a D. Quixote; mas este não lhe deu ouvidos,”*

É pois, uma realidade ego-sintónica, rejeitando a de outros e, o confronto com as evidências, tomando a sua como única, assemelhando-se às qualidades de um delírio, ou ideias delirantes, definidas por Teixeira (2005) como um falso juízo, algo que não aconteceu, ou a deturpação de um determinado acontecimento.

*“Vá Vossa mercê, Senhor Fidalgo – respondeu D. Quixote -, tratar do seu perdigueiro manso e do seu furão atrevido, e deixa cada qual cumprir a sua obrigação; esta é a minha, e eu é que sei se vêm ou não contra mim estes senhores leões.”*

Após descobrir de que o carro que avistaram carregava leões, Dom Quixote, manteve a ideia de investir contra os mesmos, acreditando ser uma aventura digna, há uma tentativa de dissuasão por parte do fidalgo, mas mais uma vez, a personagem rejeita a sua inferência, afirmando que tem uma obrigação em enfrentá-los.

*“Homem apercebido vale por dois; não se perde nada em eu me aperceber; que sei por experiência que tenho inimigos visíveis e invisíveis, e não quando, nem onde, nem em que tempo, nem em que figura me hão-de atacar.”*

Esta afirmação da personagem, surge após o último excerto, onde se demonstra a crença num inimigo invisível que, a qualquer momento pode atacar Dom Quixote, este pensamento tem repercussões a nível das acções da personagem, condicionado por uma crença, mostra por vezes uma agressividade infundada e desconfiança para com outros.

Parte da vivência de Dom Quixote, é influenciada pela convicção de que existe algo, ou alguém indefinido, que lhe coloca obstáculos, tal convicção é descrita pelo autor, em algumas ocasiões, como uma ilusão na qual a personagem acreditava.

A conduta de Dom Quixote, enquadra-se no contexto de uma ideia delirante, embora por vezes reconheça a realidade, existe a vivência de outra que o mesmo, não dúvida, uma vez que um delírio implica que o sujeito adira, plenamente às suas crenças. O conteúdo das ideias delirantes, pode ser do mais variado onde o sujeito é, normalmente o centro da acção, construindo a sua realidade em torno da ficção (Teixeira, 2005), tal como acontece nos excertos referidos. Embora, seja identificável esta presença, não é possível devido ao seu comportamento, considerar esta hipótese como única.

## ***Agressividade***

Tipicamente, ao longo da narrativa, a personagem de Dom Quixote, tem comumente, comportamentos irado, ou excessivamente coléricos para com outros, muitas vezes sem qualquer tipo argumento que o valide.

*“Vê bem o que fazes, se não queres perder a vida à conta de tão alvar atrevimento!”*

Este excerto dá conta de uma elevado agressividade para com outra personagem, que se sabe, pelo decorrer do texto, não ameaça Dom Quixote de nenhuma maneira, requisitando apenas água para um dos seus cavalos. A agressividade, mostra também a segurança que a personagem depositava nas suas exageradas qualidades.

*“Mas que andasse depressa, porque se outra vez investissem com ele e se visse armado cavaleiro, podia ficar certo que não ficava com vida uma só pessoa no castelo...”*

A agressividade protagonizada por Dom Quixote, é agravada ainda pela sua dedicação em tornar-se cavaleiro. A sua abstracção da realidade, impele-o ainda mais para tal, a constante confusão de identidades, eventualmente acaba por despoletar na personagem esta ira, chegando ao ponto de querer investir contra todos os indivíduos da estalagem que, pensa ser um castelo.

## ***Motivações***

Enquanto Dom Quixote, a personagem, ao longo do decorrer do enredo, explicita várias das suas motivações para o que considera ser o exercício do cavalaria, parecendo perceber que esta se havia extinguido há algum tempo.

*“Assisti-me, senhora minha, na primeira afronta que tem a varrer este vosso avassalado peito! Não me falte em tão arriscado transe o vosso favor e amparo!”*

Tornou-se comum a dedicação a outro antes de um dos seus combates, mostrando que a necessidade de ajuda, principalmente como fonte de motivação para o combate, empenhando-o ainda mais na tarefa, neste caso, a identificação de um pedido de auxílio a Dulcineia, a mulher a que Dom Quixote se entregava, mesmo que a tivesse visto apenas uma vez.

*“Ó senhora da beleza e da graça, alento e vigor do meu debilitado coração, é tempo que volvas aos olhos de tua desdenhosa magnitude para o teu cativo cavaleiro, que tão formidável aventura está arrostando...”*

Dulcineia, numa fase inicial e, ao longo da obra, tornou-se um estandarte onde Dom Quixote, depositava a sua confiança, crendo encontrar na sua presença, ainda que espiritual, a vontade de enfrentar as batalhas que muitas vezes imaginava. Neste caso, a dedicação, além de um ritual, surge como a principal motivação da personagem para qualquer tipo de acto.

*“...não quero demorar-me agora em dissipar o seu erro de outros muitos, limito-me a rogar ao Céu que dele o tire, e lhe mostre quão proveitosos e necessários foram ao mundo os cavaleiros andantes, nos séculos passados, e quão uteis seriam no presente, se se usassem; mas triunfam agora, por pecado das gentes, a preguiça, a ociosidade, a gula e os regalos.”*

Falou-se no que motivava Dom Quixote para o combate, ou actos semelhantes, contudo, surge num discurso seu, uma das razões, pelas quais considera indispensáveis a cavalaria, dando conta de um tipo de conduta que a personagem considerava ser odiosa. Há uma clara demonstração de desprezo por um tipo de comportamento que Dom Quixote considerava ser um “pecado” e, que o exercício da cavalaria se afirmava como necessário para a sua eliminação.

Embora, referente a uma realidade que deixara de existir, as razões transmitidas pela personagem, mostram coerência no seu discurso, que faz duvidar do seu estado, e como classificá-lo relativamente a um padrão de normalidade, para a época.

### *Aparência de sanidade*

Este subtema, remonta-se às ocasiões em que Dom Quixote, apesar da comum abstracção da realidade, mostra indícios de sanidade, como descritos pelo autor, ou outras personagens presentes nos texto.

*“Lá se nos escapou o nosso hóspede – pensou D. Lourenço – mas, com tudo isso é um louco esquisito”*

Após uma discussão com o filho do fidalgo anteriormente mencionado, num momento de reflexão, identifica-se como Dom Quixote aparece a outras personagens, colmatando os momentos que o autor descreve como loucura, com momentos de parcial sanidade, aparentando ser capaz de dialogar naturalmente.

*“De novo se admiraram o pai e o filho dos contraditórios discursos de D. Quixote, ora discretos, ora disparatados, e da teima enérgica em que estava de ir procurar as suas desventuradas aventuras, que considerava como alvo e fim dos seus desejos.”*

Demonstra-se que o discurso de Dom Quixote, oscilava entre a naturalidade e a contradição, tecendo confusão sobre a realidade do seu estado e, argumentando a favor da sua lucidez, embora temporária em diversos aspectos. Esta aparência de sanidade é apenas refutada, pela teimosia descrita em procurar aventuras, indicando que caso não fosse por este desejo, o seu discurso encontrar-se-ia na normalidade.

### ***Self exagerado***

Consequência da sua abstracção da realidade, Dom Quixote convicto da veracidade do que vê, exagera em ocasiões a sua pessoa, dotando-se de força que habitualmente não teria, muitas vezes elevando o ser a qualidades irreais.

*“Quem pensaria que esta senhora, aqui ao meu lado sentada, é a grande rainha que todos sabemos, e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cujo nome a boca da fama por aí tem espalhado?”*

A fama do seu nome, atribuída a gesto de paródia, tem grande influência na personagem, referindo-se a si próprio com este nome, acreditando que este será conhecido. Eventualmente, as suas aventuras são conhecidas, no entanto, mais uma vez a título de paródia, o que não importuna Dom Quixote, ignorando este factor.

Comummente este tipo de comportamento é característico de alguém com ideias delirantes, como foi referido anteriormente, sendo que é atribuído o centro da acção à pessoa que tem o delírio.

### ***Identificação com uma realidade específica***

Na continuidade de um anterior subtema, enquadra-se a identificação da personagem com eventos específicos, uma realidade que comporta a sua, onde o seu pensamento não é encarado como disforme ou, disparatado.

*“Por esta maneira e com estes termos prosseguia D. Quixote na sua prática, de modo que nenhum dos que o escutavam podia persuadir-se de que na realidade ele estava louco, antes, pelo contrário, como maior parte dos que o ouviam eram cavaleiros, a quem as armas são sempre anexas, o ouviam com grande prazer, e dele continuava...”*

Apresentando fluidez no seu discurso e, discursando claro, para membros de uma corte real, onde alguns eram, de facto cavaleiros, embora não como Dom Quixote os acreditava ser, a

personagem, é tomada como igual, enquadrando-se numa realidade concordante com a sua, dissuadindo aqueles que o ouviam do seu juízo. A apresentação deste subtema e o que neste é referido, tem como função dar conta que, apesar do seu estado, Dom Quixote, encontrava-se para alguns como normal, ajustando-se aos seus padrões.

### **Reflexão sobre o passado**

O terceiro tema superordenado, lida principalmente com a morte da personagem e, as reflexões que faz acerca do seu tempo enquanto Dom Quixote. Surge aqui outro momento na sua vida, constituído principalmente por uma introspecção de eventos passados e um retorno à normalidade enquanto Alonso Quijano.

### ***Melancolia***

Quando se vê acamado, a primeira descrição do autor acerca de Dom Quixote, é relativa ao seu estado e, ao que sentira uma vez terminadas as suas aventuras. Tendo sido derrotado e, após alguns dias, a personagem abate-se, confinando-se à cama.

*“...não tivesse privilégio do Céu para deixar de seguir o seu termo e acabamento, quando ele menos o esperava; porque, ou fosse pela melancolia que lhe causara o ver-se vencido ou pela disposição do Céu, que assim o ordenava, veio-lhe uma febre...”*

A melancolia sentida, aparece aqui como consequência da derrota de Dom Quixote, somatizando-se numa febre. Note-se que, a referida melancolia, apenas se instaurou após o evento que trouxe Dom Quixote de volta à sua casa.

Esta também presente o conflito com a finitude, sabendo da eminência da sua morte, a personagem pode ter mergulhado num estado melancólico, acreditando ser desprovido do Céu como é mencionado. Encara-se aqui, o fim da sua vida e, os restantes sentimentos como consequência de tal.

### ***Retorno à normalidade***

Uma vez na sua cama e, acreditando ter sido alvo de misericórdia, Dom Quixote, afirma ter deixado o seu passado e, retornado a si mesmo, Alonso Quijano.

*“Dai-me alvissaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de Bom. ”*

Inicia-se o trajecto à normalidade, o retorno aquele que a personagem era no início da obra, sem a perturbação que o autor, refere ter sofrido à custa dos livros de cavalaria. Todo o passado enquanto Dom Quixote, vê-se anulado pela personagem, distanciando-se cada vez mais ao apelidar-se de “o Bom”.

Como parte deste retorno, destaca-se a crença na cura divina que, salvara Dom Quixote, agora Alonso, da perigosidade da sua antiga pessoa, agora considerada como má, à uma procura de redenção. *“As misericórdias, sobrinha – respondeu D. Quixote -, são as que neste momento Deus teve comigo, sem as impedirem, como disse, os meus pecados”*

*“Sinto-me, sobrinha, à hora da morte; quereria passá-la de modo que mostrasse não ter sido má a minha vida, que deixasse renome de louco, pois, apesar de o ter sido, não queria confirmar essa verdade expirando. Chama-me os meus bons amigos, o cura, o bacherel Sansão Carrasco e mestre Nicolau, o barbeiro, que me quero confessar e fazer o meu testamento.”*

Dá-se continuidade ao já referido, a procura de redenção, face à eminência da finitude do personagem, destacando a sua vida como má, produto de loucura e assim, indagando sobre o seu passado, deseja morrer tendo consciência que se havia visto livre da sua loucura, afirmando este facto aos seus conhecidos.

## **Ódio**

A condição de Alonso Quijano, agora retornada ao normal, comporta a experiência do passado, a sua vivência enquanto Dom Quixote e as aventuras que teve com o seu nome, evidentemente, no momento em que se acamado, reflectindo sobre as suas acções, considera que o seu trajecto até à altura fora marcado pela insanidade, sentido ódio por tal.

*“Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias.”*

Retomado o seu juízo, Alonso declara que o seu passado fora de ignorância e que, esta toldara o seu julgamento, o levava a fixar-se na leitura de livros de cavalaria que, acabariam por o levar à loucura. *“Já conheço os seus disparates e os seus embalecos, e só me pesa ter chegado tarde este desengano, que não me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma.”* Afirma assim, que o seu percurso fora dominado pelas mentiras dos livros de cavalaria e que, uma vez tardia a sua percepção deste facto, escasseava o tempo para se redimir.

*“Já sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalarias andante; já conheço a minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino.”*

O sentimento experienciado por Alonso, além de ódio, implica uma recusa de todos os fenómenos associados à cavalaria e aos livros que, menciona o terem enlouquecido. Como tal, qualquer referência ao seu passado e a personagens que absorvera dos livros, são consideradas como nefastas e, um perigo, referindo que, não fosse pela fé em Deus, remontando mais uma vez à cura divina, não estaria arrependido.

O ódio expressado contra o seu passado e os livros é de tal dimensão que, rejeita qualquer facto que remonte ou, o relembre deste, generalizando a malícia que acredita ter sofrido aos restantes conhecedores de tais livros.

*“...é minha vontade que, se Antónia Quijana, minha sobrinha, quiser casar, case com um homem de quem primeiro se tirarem informações e se verificar que não sabe o que vem a ser livros de cavalaria;”*

A fragilização do seu ente, e a lembrança do desgosto do seu passado, implica que Alonso, estabelece um conjunto de sanções, no seu testamento àqueles da sua família, impedindo, neste caso, a sobrinha de casar com um homem que tenha alguma vez lido um livro de cavalaria, protegendo-a contra o que considera nefasto.

*“e, no caso de se averiguar que o sabe, e minha sobrinha, apesar disso, persistir em casar com ele, perca tudo o que lhe deixo, que os meus testamenteiros poderão distribuir em obras pias à sua vontade.”*

Persistindo na rejeição acima referida, Alonso, continua impondo como sua vontade que, no caso da persistência em conviver, ou casar com alguém que tenha conhecimento de livros de cavalaria, deverão ser retirados os bens à sobrinha, evidenciando ainda mais a renegação do seu passado enquanto Dom Quixote.

### ***Arrependimento***

Como foi evidenciado no subtema anterior, a rejeição do passado e o ódio perante os livros de cavalaria implica uma outra componente, o arrependimento sofrido como consequência da sua vivência enquanto Dom Quixote.

*“...possam o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que Vossas Mercês me tinham, e prossiga para diante o Senhor Tabelião.”*

Este arrependimento, tem como particularidade, a procura de perdão entre os conhecidos que sempre discordaram dos actos de Alonso, durante a sua anterior jornada, tendo consciência da proximidade a que está da sua finitude, procura através deste sentimento, estima por quem se tornou.

*“...é minha vontade que de certos dinheiros que tem em seu poder Sancho Pança, a quem na minha loucura fiz meu escudeiro, se lhe não faça cargo nem se lhe peçam contas; (...)e se assim, como estando eu louco, fui parte que se lhe desse o governo de uma ilha, pudesse agora, que estou eu em meu juízo, dar-lhe um reino, dar-lho-ia, porque a singeleza da sua condição e a fidelidade do seu trato assim o merecem.”*

Embora, não se enquadre totalmente nas condições do subtema, o reconhecimento de Sancho, pouco mencionado nesta análise, é consequência directa deste. Enquanto Dom Quixote, Alonso discutia ocasionalmente com Sancho, que em alturas o salvaguardou de diversas situações, ignorando sempre estes factores, a personagem, procura num último momento, apagar o sentimento de culpa que levou Sancho consigo.

*“... se a boa sorte lhes fizer conhecer o autor que dizem que compôs uma história, que por aí corre, com o título de Segunda Parte das Façanhas de D. Quixote de la Mancha, lhe peçam da minha parte, o mais encarecidamente que puderem, que me perdoe a ocasião que sem querer lhe dei a para escrever tantos e tamanhos disparates, porque saio desta vida com o escrúpulo de lhe ter dado motivo para que os escrevesse....”*

Este último excerto, ocorre directamente antes da morte de Alonso, dando conta de que, embora, esteja prestes a expirar, permanece como sua vontade que, aquele que escrevera as crónicas que narraram a sua vida enquanto Dom Quixote, fosse perdoado, alumiando ao facto da sua vida passada ter sido um fardo, sendo este o único erro que não consegue emendar, declarando o seu arrependimento, renegando por completo Dom Quixote.

## DISCUSSÃO

Tendo em conta a análise realizada da personagem e das suas vivências, é possível distinguir três fases nesta, a experiência de uma realidade enquanto Alonso Quijano, dominada por uma repetição de comportamentos, um quotidiano monótono, onde reina um o isolamento existencial e, uma experiência da realidade, enquanto Dom Quixote, onde há um predomínio de ideias delirantes, oscilando entre momentos de lucidez e um engrandecimento do seu *self*, perante as instâncias, bem como uma terceira fase, dada pelo retorno a Alonso e a sua busca de redenção.

Pode considerar-se que, a personagem de Alonso, apesar de constante nas diversas partes analisadas, é diferente no final do enredo, demonstrando como o decorrer da história influenciou o seu crescimento, a sua identidade narrativa. Enquanto inicialmente, é evidenciado um Alonso Quijano, abatido, fixado na leitura de livros de cavalaria de tal modo que esquecera todos os seus deveres e, é levado por um desejo de imitar os feitos lidos, no final, depois da sua experiência enquanto Dom Quixote, predomina uma personagem, de características abstractas.

O Alonso Quijano descrito no final da obra, vive num estado de melancolia, desgostoso relativamente aos actos protagonizados no seu passado, culpando-se da existência que levara e, da influência que tivera em diferentes pessoas. Esta culpa, manifesta-se na forma de arrependimento, tanto pela experiência que refere ter sido de loucura, como pela antiga necessidade em consumir livros de cavalaria.

Apesar deste estado, emerge também uma procura de redenção, uma necessidade de se sentir perdoado pelos seus mais próximos, emendar a fama de ajuizado que o acompanhara até ao momento. Como modo de evidenciar esta procura, Alonso Quijano, refere-se ao ódio que agora sente pelos livros de cavalaria e, pelo passado que vivenciou, rejeitando a sua existência enquanto Dom Quixote, bem como, a presença de todos aqueles que alguma vez tiveram contacto com livros de cavalaria. Com isto, a personagem mostra que a sua redenção passa pela aceitação por parte dos seus entes próximos.

A finitude, apresenta também argumentos válidos, a favor do estado a que Alonso se presta antes de falecer. A consciência da morte e da sua proximidade, acelera a procura da personagem, tal como, os sentimentos de arrependimento que o abarcam, actuando assim, como uma catalisador para as decisões a tomar.

Se introduzirmos o conceito de Dasein, que especificamente, significa o ser, diferente consoante a pessoa, variando a sua essência de acordo com a mesma, sendo que cada um é responsável pela sua própria existência (Heidegger, 1962). Podemos atribuir ao Dasein de Dom Quixote determinadas qualidades, nesta fase final, referindo que o seu estado não mais que uma consequências das suas escolhas passadas.

De acordo com Ricoeur (1994), como foi citado inicialmente, a identidade narrativa, aquilo que caracteriza a personagem, só pode ser compreendida através das operações no enredo. Como tal, para perceber as mudanças desferidas em Alonso Quijano, é necessário ter em conta, o seu passado como Dom Quixote e, o seu passado antes de o ser.

Pouco é referido sobre quem Alonso Quijano era antes da sua transformação, contudo, a descrição da sua vivência diária, do seu quotidiano é suficiente para compreender, o porquê da sua fixação nos livros de cavalaria e a sua futura aventura enquanto Dom Quixote. Beá e Hernandez (1984), formulam a teoria de que Alonso Quijano, confrontado com o aproximar da velhice, a inevitável morte, é invadido por sentimentos de culpa, dominado por uma ansiedade depressiva e, que a maneira de escapar às mesmas, passa por tornar-se Dom Quixote.

Inevitavelmente, esta hipótese, pressupõe que a personagem vive uma realidade que lhe é desgastante, uma onde não consegue viver, sendo que o seu abandono para se tornar Dom Quixote, é uma resposta a esta incapacidade de viver na realidade. Ronald Laing, argumenta, relativamente à psicose que, esta pode ser vista como uma reacção a um momento específico mas, não se trata de uma situação qualquer, ao invés, trata-se de uma situação insustentável (Gabriel e Teixeira, 2007).

Não se define aqui uma condição para Dom Quixote, apenas se estabelece algumas semelhanças entre o seu estado e a psicose, pode-se considerar que o mesmo tem até, tendo em conta a análise, comportamentos que remontam a tal, no entanto existem, outros que referem esta teoria. Distingue-se apenas que, a experiência do quotidiano de Alonso, a repetição de comportamentos, a fixação nos livros de cavalaria fazem parte de uma realidade insustentável, que o isola gradualmente da sociedade e, por consequência de tal, a constante leitura incentivou-o a reproduzir as suas ideias, fugindo mais uma vez ao seu dia a dia.

Enquanto Dom Quixote, predomina na personagem, sendo este o traço mais característico de toda a sua experiência, a abstracção da realidade, afastando-se da mesma para dar lugar à sua loucura, como é descrito. Esta vivência é principalmente demonstrada pela sua semelhança a ideias delirantes. Definidas como um falso juízo, onde aquele que delira, assim o faz, com tanta convicção que acredita que as suas ideias são verdadeiras. O indivíduo não deve duvidar da veracidade do material delirante, uma vez que um delírio implica que o sujeito adira, plenamente às suas crenças (Teixeira, 2005).

No caso de Dom Quixote, há de facto, em toda a sua experiência uma recusa em acatar os conselhos de outrem, quando estes se referem à realidade, o que permite à personagem envolver-se em episódios onde a sua crença do que é real suprime todo o resto, como é o caso da sua aventura com os leões ou o estalajadeiro. Nestes episódios, onde Dom Quixote é o centro da acção, descreve-se um comportamento principalmente delirante.

O delírio, bem como, a compreensão do mesmo, ou as suas características, varia entre os diversos modelos teóricos. Por exemplo, de acordo com o modelo existencial, cujos princípios serão especificados adiante, “os delírios são alterações profundas do estar-no-mundo, uma perda da compreensibilidade natural do Eu (evidência natural), do estar indiscutivelmente em si, com a impossibilidade de poder desvendar ao seu universo o próprio *self* em liberdade” (Teixeira, 2005, p.115). Entende-se pois, que ao delirar o indivíduo afasta-se de si, vagueando nos domínios da sua própria ficção, alheio ao real e à sua verdadeira existência.

O delírio é uma das principais qualidades da psicose e, vários dos eventos que decorrem na experiência de Dom Quixote, demonstram exemplos do mesmo, Fox (2008), descreve que a vivência desta personagem ilustra um surto psicótico, na perfeição, referindo como o mesmo é normalmente agressivo para com os outros e ignora o que lhe é dito, acerca da realidade, demonstrando em todo seu percurso uma expressão de onipotência. O referido, vai de encontro àquilo que fora analisado anteriormente, Dom Quixote, apresenta de facto, em várias ocasiões uma tendência para a agressividade, mostrando-se hostil regularmente e, é possível ainda confirmar esta onipotência, quando ele se dota de um *self* exagerado, denotando qualidades que ele próprio não possui.

A evidente relação entre a psicose e Dom Quixote, para estabelecida, quer pelo seu comportamento, enquanto cavaleiro, quer pelo gradual alheamento a que se entregou numa fase da obra. Keller (2008) procura definir uma intencionalidade na psicose, relacionando a descoberta de um significado rudimentar nesta com a angústia que, pode servir a pessoa de insight, relativamente ao seu crescimento.

Kierkegaard, define a angústia, como uma hipótese de exploração do próprio, como um modo do *self* se desenvolver, já Freud caracteriza a angústia como uma condição que põe em causa a estrutura psíquica do sujeito e, que é o seu desejo, fugir-lhe, contudo, os dois admitem que a angústia constitui a integridade frágil de um projecto experienciado, o do desenvolver o *self* (Keller, 2008). Ou seja, apesar de todas as características, que lhe se são inerentes, a mais importante será talvez, a oportunidade que angústia oferece ao sujeito de se desenvolver, tornando-a num requisito para o crescimento do *eu*.

Pode-se adequar este caso para a última fase de Dom Quixote, ao relegar o seu momento de loucura a características nefastas, disparadas. Neste caso, a sua experiência passada despontou-lhe uma angústia que provou ajudá-lo no crescimento do seu *self*, pois ao passar a sentir ódio pelo seu passado, redimia-se do mesmo, bem como do isolamento a que se prestou no início, desenvolvendo-se na personagem que culmina nos últimos instantes.

A abstracção da realidade vivida por Dom Quixote, apesar de dominada por uma hiperbolização das suas qualidades, as estranhas motivações ou a agressividade, era colmatada por breves momentos de lucidez, assim descritos por algumas personagens. Embora grande parte do seu trajecto seja caracterizado por esta abstracção e os breves momentos de sanidade estarem associados a uma realidade específica, fica a ideia de que em temas do seu anterior quotidiano, predominava um discurso coerente.

No que toca a Dom Quixote, Frogget e Kaufman (2002), reconhecem o conceito de “humanismo quixotico”, como foi já mencionado. Além do referido, este conceito apela ao humanismo da personagem, à sua necessidade, em derrotar o mal que abarca o mundo. É notável um exemplo desta afirmação, quando Dom Quixote, descreve algumas das suas motivações para o exercício da cavalaria, entre os quais, refere o combate à “preguiça, a ociosidade, a gula e os regalos” (Cervantes s/d). Apesar do seu estado de loucura, o idealismo humanitário da personagem enleva-se, permitindo talvez crescimento pessoal, a nível interior.

Outra das hipóteses propostas, relativamente à loucura de Dom Quixote, tem haver com o exagero nas suas capacidades, como é denotado na análise. Watt (1997), propôs que a sua loucura actuava como uma defesa contra as investidas externas e, de facto, dá-se conta de que, quando confrontado com alguma situação, a personagem é normalmente protegido por um elevar das suas qualidades, um exagero na sua grandiosidade, quer pela fama ou pela pessoa que julga ser.

Referindo-se ao seu tempo enquanto estudante de psicologia e, a um surto psicótico sofrido pelo mesmo, Kiser (2004), descreve a psicose, como uma crise de significado, que obriga o indivíduo a restabelecer-se, a reintegrar-se ontologicamente, através de um aprofundar da sua existência pessoal.

“Devo afirmar que a minha intenção não é, de modo algum, romantizar ou glorificar a loucura. A experiência da psicose é horrível e destruidora, não há nada de romântico, ou de artisticamente vantajoso. Simplesmente quero transmitir, como outros fizeram, que uma experiência destas pode ser profunda, forte e transformativa, se for possível canalizar a força

de vontade necessária para tal.” (Kiser, 2004, p. 432). Apesar da experiência mentalmente degenerativa, uma vez livre do seu psicotismo, Kiser (2004) pôde reinventar-se, encontrando significado, na falta de significado da sua loucura, o autor, retirou da sua experiência psicótica significado para a dor que sentia, acrescentando que, na sua loucura não existia.

O episódio vivenciado por Kiser foi na altura, de grande transtorno para o próprio, que parecia comandado por uma entidade que não ele. Apesar da difícil situação em que se encontrava, conseguiu retirar o essencial da sua experiência, talvez descobrindo o significado que outrora lhe era escasso. Argumentando a favor da vivência reveladora enquanto Dom Quixote e, a sua influência no seu estado final enquanto Alonso Quijano. Não fosse pela experiência de uma realidade que anteriormente lhe era alheia, a exploração profundo do seu interior, a personagem nunca estaria nesta fase, em concordância com os seus desejos, tão focalizado no seu projecto, fazendo da sua loucura, uma estação necessária ao seu percurso.

A soma de todas as vivências fizeram de Dom Quixote, a personagem que num final trágico, acamado, procura desesperadamente arrepende-se da sua loucura, revivendo os episódios com ódio e, transpondo o mesmo para tudo o que remonta à cavalaria. Apesar de renegar o seu passado, é notável a influência que este teve na sua presente condição e, embora o seu ser agora renovado, afaste as suas aventuras, foram estas que o moldaram e encaminharam ao percurso que escolhe, actuando como uma angústia que, lhe despoletara a atenção para uma posição autêntica.

Quando antes se falou em Dasein, caracterizando este como, o ser, um ser-no-mundo, faltou mencionar que este poder adoptar dois modos de estar, um autêntico, ou inautêntico, onde o primeiro surge do self e percebe a sua posição relativamente ao mundo e, onde o segundo se remete para uma imersão no quotidiano (Heidegger, 1962.)

Tendo em conta isto, pode-se referir que Alonso Quijano, numa fase inicial, quando domado pelas instâncias da sua vida na fazenda, o exercício das contas, da caça, e a repetição de comportamentos, fazem parte de um ser-no-mundo inautêntico, envolto no seu quotidiano. Já

Alonso, numa fase final, após a experiência de ser Dom Quixote, adota uma posição autêntica, segura de si mesmo, percebendo-se relativamente ao mundo.

Ainda tendo em conta o Dasein, pode-se considerar a finitude do mesmo, como catalisador para mudança. A existência humana, serve-se de um fim, que acompanha o Homem ao longo do seu percurso. De acordo com Yalom (1980), Heidegger afirma que, a morte salva o homem e, que a posição assumida por este e o seu reconhecimento afastam a impessoalidade do ser.

A consciência da finitude actua então, como “catalisador que nos mergulha em estados de vida mais autênticos...” (Yalom, 1980, p. 33). No caso de Alonso, a proximidade do seu fim, dá-lhe consciência dos erros passados, da sua vida enquanto louco, o que lhe permite então adoptar uma posição mais autêntica, como foi já referido.

Unamuno (2005) refere que “Uma morte boa e gloriosa redime e glorifica a vida inteira, por má e infame que esta tenha sido, e uma morte má ensombra uma vida, por melhor que pareça. Na morte se revela o mistério da vida, o seu fundo secreto. Na morte de D. Quixote revelou-se o mistério da sua vida quixotesca” (p.18,19). Alonso Quijano, no momento da sua morte, deitado sobre a cama, junta das personagens que o acompanharam ao longo do enredo, glorifica-se através da redenção, tendo consciência da sua experiência passada, enquanto Dom Quixote, molda quem é à luz de tal.

## CONCLUSÕES

Á luz do que foi analisado e, tendo em conta as distintas características da personagem, pode-se concluir que, dos excertos transcritos, é possível distinguir com pormenor a experiência de Dom Quixote e o que a constitui.

Das três fases destacadas por excertos que remontam a diferentes partes do livro, consideráveis para a vivência da personagem, pode-se afirmar que, a primeira fase, enquanto Alonso Quijano, caracterizada por uma repetição de comportamentos, uma fixação em livros, dão conta da personagem numa posição inautêntica, mergulhada no quotidiano e, por essas

razões tornando a realidade insuportável a Alonso, forçando-o a isolar-se de tudo, focando-se unicamente na leitura de livros que, deseja imitar.

A segunda fase, dá conta da transformação de Alonso Quijano em Dom Quixote, a fuga completa à realidade que o dominava, prostrando-se a personagem a uma constante abstracção do que o rodeia, seguindo padrões de comportamento antiquados, elevando-se a qualidades sobre-humanas, destacando-se sobre os restantes, com uma avultada agressividade. Este padrão é colmatado em momentos, por intervalos de lucidez e uma identificação a uma realidade específica, é contudo, possível argumentar que os primeiros se relacionam com estes. Argumenta-se assim, a predominância de um surto psicótico ao longo da jornada elaborada por Dom Quixote e a, descrição da sua loucura por parte de outras personagens.

A terceira fase, consiste no retorno à normalidade por parte de Dom Quixote que, após ser derrotado, volta à sua moradia somatizando a perda e o desgosto sentido numa febre que o acama. Quando acorda, toma início este retorno, caracterizado por um ódio aos livros de cavalaria, um arrependimento do seu passado e uma tentativa de redenção, adoptando uma postura autêntica, percebendo a sua posição em relação ao mundo.

Pode-se portanto, argumentar que, tendo em conta a experiência da personagem, que esta, desde o seu desejo de mimese, operou um conjunto de mudanças que permitiram moldar o seu ser. Passando de um surto à consciência de o ter e, mudando assim a sua posição enquanto Alonso Quijano. Afirma-se então que, a transformação em Dom Quixote, embora degradante para a psique da personagem, actuou como um veículo para a adopção de uma posição autêntica, levando por consequência à sua redenção.

É possível, a modo de conclusão, estabelecer ainda um paralelismo entre a condição de isolamento a que a personagem se deu no início da obra, aos dias de hoje, dominados por uma constante modernização e um afastamento do mundo social, perdidos num modo de estar inautêntico, no quotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajjawi, R., & Higgs, J. (2007). Using hermeneutic phenomenology to investigate how experienced practitioners learn to communicate clinical reasoning. *The Qualitative Report* 12(4), 612-638.
- Beá ,J. & Hernández, V. (1984). Don Quixote: Freud and Cervantes. *International Journal of Psycho-Analysis*, 65
- Carvalho Teixeira, J.A. (2005). Psicopatologia Geral. Introdução, Métodos e Modelos, Psicopatologia Descritiva. Lisboa: ISPA, Colecção Estudos,13
- Cashin, A. (2003). *A hermeneutic phenomenological study of the lived experience of parenting a child with autism* (Dissertação de Doutoramento). University of Technology, Sidney
- Cervantes, M. (s/d). *D. Quixote de La Mancha*. Lisboa: Clube Português do Livro e do Disco.
- Crossley, M. (2002). *Introducing Narrative Psychology*. In: *Narrative, Memory and Life Transitions*. University of Huddersfield, Huddersfield, pp. 1-13.
- Deutsch, H. (1937). Don Quixote and Don Quixotism. *Psychoanalytic Quarterly*, 6(1)
- Dreyfus, H. L., & Wrathall, M. A. (2006). *A companion to phenomenology and existentialism*. Malden, MA: Blackwell Pub.
- Dudek, L. (2011) The Psychology of Literature. *Canadian Literature*. 72 5-20.

- Fade, S. (2004). Using interpretative phenomenological analysis for public health nutrition and dietetic research: a practical guide. *Proceedings of the Nutrition Society*, (63), 647–653.
- Froggett, L., & Kaufman, W. (2002). Quixotic Humanism. *Free Associations*, 9(2)
- Giorgi, A., Sousa, D., (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. (pp. 33-73). Edições: Fim de Século
- Heidegger, M. (1962). *Being and Time*. Edições: Blackwell Publishing
- Holroyd, A. (2011). *Interpretive Hermeneutic Phenomenology: Clarifying Understanding* (Indo-Pacific Journal of Phenomenology; Vol 7, No 2 (2007). Indo-Pacific Journal of Phenomenology.
- Howitt, D. (2010). *Introduction to qualitative methods in psychology*. Harlow, England: Financial Times Prentice Hall.
- Jauregui, I. & Mendez, P. (2002). Psychology and literature: The question of reading otherwise. *International Journal of Psychoanalysis*, 83(5): 1169-1181.
- Keller, K. D. (2008). Phenomenological Understanding of Psychosis. *Journal of the Society for Existential Analysis*, 19(1), 17-32.
- Kiser, S. (2004). An existential case study of madness: encounters with divine affliction. *Journal of Humanistic Psychology*, 44(4), 431-454.
- Kopp, S. B. (1972). *If you meet the Buddha on the road, kill him: the pilgrimage of psychotherapy patients*. New York: Bantam Books.

- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Laverty, S.M., (2003). Hermeneutic Phenomenology and Phenomenology: A Comparison of Historical and Methodological Considerations. *International Journal of Qualitative Methods*, 1, 1-29
- Lichtenberg, J. (2010). Cervantes and Don Quixote. *Psychoanalytic Inquiry*, 30, 267-275.
- Pérez Álvarez, M. (2006). Psicología del Quijote. *Psicothema*, 17, 2, 303-310.
- Lindauer, M. (2009). *Psyche and the Literary Muses: The Contribution of Literary Content to Scientific Psychology*. Amsterdam: John Benjamins Pub.
- Ricœur, P. (1994). *Oneself as another*. Chicago: University of Chicago Press.
- Robert, M. (1977). *The old and the new: from Don Quixote to Kafka*. Berkeley: University of California Press.
- Smith, J.A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative Phenomenological Analysis: Theory Method and Research*. London: Sage.
- Smith, JA and Osborn, M (2008). *Interpretative phenomenological analysis*. In JA Smith (ed) *Qualitative Psychology*. London: Sage. (2nd ed)
- Steen, G.J. and Schram, D.H. (2001). *The empirical study of literature: Psychology, sociology, and other disciplines*. In Schram and Steen (eds.), 1-16.
- Teixeira, J. A., & Gabriel, G. (2007). Ronald D. Laing: A política da psicopatologia. *Análise Psicológica*, 25(4), 661-673

Unamuno, M. (2005). *A vida de Dom Quixote e Sancho*. Textos Clássicos da Filosofia: Universidade da Beira Interior

Watt, I. (1997). *Myths of modern individualism: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Yalom, I. (1980). *Existential psychotherapy*. New York: Basic Books.

Yoshida, A. (2001). My life in psychology: Making a place for fiction in a world of science. *Journal of Phenomenological Psychology* 32 (2):188-202.

## ANEXOS

## Anexo 1

Transcrito dos capítulos

## Capítulo 1

1. Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras, algum pombito de crecença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. O remanescente, levavam-no saio de *belarte*, calças de veludo para as festas, com seus pantufos do mesmo; e para os dias de semana o seu *bellefort* do mais fino.

2. É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo o exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele género.

3. Afinal, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo; e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo o que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o género de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, de onde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama.

## Capítulo 3

- Nunca mais me levantarei donde estou, valoroso cavaleiro, até que a vossa bizzarria me outorgue o dom que pedir-lhe quero, o qual redundará em louvor vosso e benefício do género humano...

- Deixai-me então confessar-vos que o dom que vos hei implorado e que vossa liberalidade me proporciona é que amanhã pela manhã me armeis cavaleiro. Possa esta mesma noite velar as armas na capela do vosso castelo, de modo que amanhã, como fica dito, se celebre o que tanto ambiciono para poder, em devida forma, correr as quatro partes do mundo em busca de aventuras, tudo com o fim de valer aos necessitados, como incumbe à cavalaria e seus cavaleiros andantes, qual eu sou por gosto e índole.

Apeteceu neste comenos a um dos almocreves, que pernoitava na estalagem, dar de beber aos machos. Para isso, viu-se obrigado a tirar as armas de D. Quixote de

cima da pia. Este, quando tal presenciou, dirigiu-se-lhe em voz rugidora:

Ò tu, temerário cavaleiro, quem quer que sejas, ousas erguer mão para as armas do mais valoroso andante que jamais cingiu a espada!? Vê bem o que fazes, se não queres perder a vida à conta de tão alvar atrevimento!

- Assisti-me, senhora minha, na primeira afronta que tem a varrer este vosso avassalado peito! Não me falte em tão arriscado transe o vosso favor e amparo!

Dali a pouco, antes de terem dado conta, visto que o homem jazia no chão sem acordo, apareceu outro almocreve com tenção igualmente de dar água às cavalgadas. No momento de desempachar o bebedeiro, D. Quixote, sem proferir palavra nem invocar desta feita a égide de sua dama, segunda vez depôs a adarga e alçando a lança – sendo milagre que a não fizesse em estilhas – escaqueirou-lhe a cabeça em quatro.

- Ó senhora da beleza e da graça, alento e vigor do meu debilitado coração, é tempo que volvas aos olhos de tua desdenhosa magnitude para o teu cativo cavaleiro, que tão formidável aventura está arrostando...

E tal ânimo cobrou aos, a seus próprios olhos, com esta invocação, que podiam vir todos os almocreves deste mundo e do outro que não arrepiava um passo.

Em tudo acreditou D. Quixote piamente, dizendo que desse as suas instruções e seria obedecido. Mas que andasse depressa, porque se outra vez investissem com ele e se visse armado cavaleiro, podia ficar certo que não ficava com vida uma só pessoa no castelo, excepto aquelas, bem entendido, por quem ele pusesse a mão e às quais, por seu respeito, pouparia.

## Capítulo 37

- Verdadeiramente, Senhores meus, se bem se reconsideram as coisas, são muitas vezes extraordinários e inauditos os acontecimentos presenciados por todos os que professam a ordem da cavalaria andante; senão, disse-me; quem seria o habitador deste mundo que, entrando pela porta deste castelo, e vendo-nos estar do modo que estamos, pudesse ajuizar e crer que nós somos quem somos? Quem pensaria que esta senhora, aqui ao meu lado sentada, é a grande rainha que todos sabemos, e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cujo nome a boca da fama por aí tem espalhado?

Sendo, pois, ponto verificado que as armas requerem tanta força de espírito como as letras, examinaremos agora qual dos dois espíritos é o que trabalhava mais, se o do letrado, se o do guerreiro. Para isto se conhecer bem, deve examinar-se com atenção o destino a que cada um dos dois se encaminha, porque em mais alto valor se há-de apreciar a intenção daquele que tem por objecto alcançar um fim mais glorioso e nobre.

(...)

O fim a que as letras se dirigem (e não falo agora das divinas, que aspiram

somente a encaminhar as almas para o Céu, fim este tão sem fim, que nenhum outro se lhe pode igualar), quero dizer, as letras humanas, é estabelecer com clareza a justiça distributiva, e dar a cada um o que é seu, e o procurar e fazer que as boas leis se guardem e se cumpram: fim por certo este generoso, e digno de grande louvor; porém, não de tanto como merece aquele a que as armas atende...

Por esta maneira e com estes termos prosseguia D. Quixote na sua prática, de modo que nenhum dos que o escutavam podia persuadir-se de que na realidade ele estava louco, antes, pelo contrário, como maior parte dos que o ouviam eram cavaleiros, a quem as armas são sempre anexas, o ouviam com grande prazer, e dele continuava...

#### Capítulo 17 (Segundo Livro)

- Amigo dá-me esse elmo, que, ou pouco sei de aventuras, ou o que ali descobro é alguma, que me há-de obrigar a pegar em armas.

O de Verde Gabão, que isto ouviu estendeu a vista por todas as partes e, não descobriu outra coisa senão um carro que para eles vinha, com duas ou três bandeiras pequenas, que lhe fizeram supor que o tal carro devia trazer dinheiro de Sua Majestade, e assim o disse a D. Quixote; mas este não lhe deu ouvidos, acreditando sempre e pensando que tudo o que lhe sucedesse haviam de ser aventuras e mais aventuras; e, portanto, respondeu ao fidalgo:

-Homem apercebido vale por dois; não se perde nada em eu me aperceber, que sei por experiência que tenho inimigos visíveis e invisíveis, e não quando, nem onde, nem em que tempo, nem em que figura me hão-de atacar.

(...)

- Leões a mim? - disse D. Quixote com leve sorriso – leões a mim a tais horas? Pois, por Deus, hão-de ver esses senhores que cá os mandam, se me arreccio de leões. Apeai-vos, bom homem, e, visto que sois o guarda, abri essas jaulas, e largai-me estas feras, que, no meio deste campo, lhes demonstrarei quem é D. Quixote de la Mancha, a despeito e a pesar dos nigromantes que mos enviam.

- Senhor Cavaleiro, os cavaleiros andantes hão-de empreender as aventuras que dão esperança de se poder alguém sair bem delas, e não as que a tiram de todo em todo, porque a valentia que entra por temeridade é mais loucura que fortaleza, tanto mais que estes leões, não vêm contra Vossa Mercê, nem sonham semelhante coisa; vão de presente a Sua Majestade, e não será bem detê-los, nem impedir-lhes a viagem.

- Vá Vossa mercê, Senhor Fidalgo – respondeu D. Quixote -, tratar do seu perdigueiro manso e do seu furão atrevido, e deixa cada qual cumprir a sua obrigação; esta é a minha, e eu é que sei se vêm ou não contra mim estes senhores leões.

## Capítulo 18 (Segundo Livro)

- Não sei que te responda, filho – redarguiu D. Diogo -; o que te sei dizer é que o vi fazer grandes coisas de grande doido, e dizer coisas tão discretas que apagam e destroem os seus actos; fala-lhe tu, e tomo o pulso ao que sabe; e, já que és discreto, avalia a sua discrição ou a sua loucura, que eu, a dizer a verdade, mais o tenho na conta de doido que de ajuizado.

- Quero dizer – tornou D. Lourenço – que duvido de que houvesse e de que haja agora cavaleiros andantes adornados de tantas virtudes.

- Muitas vezes disse – respondeu D. Quixote – o que torno a dizer agora: que a maior parte da gente imagina que não houve cavaleiros andantes; e por me parecer que, se o Céu lhes não dá a entender milagrosamente que os houve e que os há, qualquer trabalho que se faça será baldado, como muitas vezes a experiência o demonstrou, não quero demorar-me agora em dissipar o seu erro de outros muitos, limito-me a rogar ao Céu que dele o tire, e lhe mostre quão proveitosos e necessários foram ao mundo os cavaleiros andantes, nos séculos passados, e quão uteis seriam no presente, se se usassem; mas triunfam agora, por pecado das gentes, a preguiça, a ociosidade, a gula e os regalos.

“Lá se nos escapou o nosso hóspede – pensou D. Lourenço – mas, com tudo isso é um louco esquisito”

- Aqui deram fim à sua prática, porque os chamaram para jantar.

- Perguntou D. Diogo a seu filho o que tirara a limpo do engenho do seu hóspede. É um louco cheio de intervalos lúcidos – respondeu D. Lourenço...

De novo se admiraram o pai e o filho dos contraditórios discursos de D. Quixote, ora discretos, ora disparatados, e da teima enérgica em que estava de ir procurar as suas desventuradas aventuras, que considerava como alvo e fim dos seus desejos.

## Último Capítulo

Como as coisas humanas não eternas, e vão sempre em declinação desde o principio, até ao seu último fim, especialmente as vidas dos homens; e como a de D. Quixote não tivesse privilégio do Céu para deixar de seguir o seu termo e acabamento, quando ele menos o esperava; porque, ou fosse pela melancolia que lhe causara o ver-se vencido ou pela disposição do Céu, que assim o ordenava, veio-lhe uma febre, que o teve seis dias de cama, sendo visitado muitas vezes pelo curo, pelo bacherel e pelo barbeiro, seus amigos, sem se lhe tirar da cabeceira o seu bom escudeiro Sancho Pança.

- As misericórdias, sobrinha – respondeu D. Quixote -, são as que neste momento

Deus teve comigo, sem as impedirem, como disse, os meus pecados. Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias. Já conheço os seus disparates e os seus embalecos, e só me pesa ter chegado tarde este desengano, que não me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma. Sinto-me, sobrinha, à hora da morte; quereria passá-la de modo que mostrasse não ter sido má a minha vida, que deixasse renome de louco, pois, apesar de o ter sido, não queria confirmar essa verdade expirando. Chama-me os meus bons amigos, o cura, o bacherel Sansão Carrasco e mestre Nicolau, o barbeiro, que me quero confessar e fazer o meu testamento.

- Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de Bom. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalarias andante; já conheço a minha needade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino.

- Os contos, que até agora têm sido verdadeiros só em meu prejuízo – respondeu D. Quixote -, espero que a minha morte os mude, com o auxílio do Céu, em meu proveito. Sinto, senhores, que a morte vem correndo;

- *Item*, é minha vontade que de certos dinheiros que tem em seu poder Sancho Pança, a quem na minha loucura fiz meu escudeiro, se lhe não faça cargo nem se lhe peçam contas; mas que, se sobrar algum, depois de ele se ter pago do que lhe devo, com ele fique; bem pouco será, mas que lhe faça bom proveito; e se assim, como estando eu louco, fui parte que se lhe desse o governo de uma ilha, pudesse agora, que estou eu em meu juízo, dar-lhe um reino, dar-lho-ia, porque a singeleza da sua condição e a fidelidade do seu trato assim o merecem.

- Senhores – acudiu D. Quixote -, deixemo-nos dessas coisas; o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juízo; fui D. Quixote de la Mancha e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom; possam o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que Vossas Mercês me tinham, e prossiga para diante o Senhor Tabelião.

- *Item*, é minha vontade que, se Antónia Quijana, minha sobrinha, quiser casar, case com um homem de quem primeiro se tirem informações e se verificar que não sabe o que vem a ser livros de cavalaria; e, no caso de se averiguar que o sabe, e minha sobrinha, apesar disso, persistir em casar com ele, perca tudo o que lhe deixo, que os meus testamenteiros poderão distribuir em obras pias à sua vontade.

- *Item*, suplico aos ditos senhores, meus testamenteiros que, se a boa sorte lhes fizer conhecer o autor que dizem que compôs uma história, que por aí corre, com o título de *Segunda Parte das Façanhas de D. Quixote de la Mancha*, lhe peçam da minha parte, o mais encarecidamente que puderem, que me perdoe a ocasião que sem querer lhe dei a para escrever tantos e tamanhos disparates, porque saio

**desta vida com o escrúpulo de lhe ter dado motivo para que os escrevesse. (...).**

## Anexo 2

Análise dos transcritos

Capítulo 1

Observações/Descrição	Citação	Temas emergentes
<p><i>Comportamentos idênticos ao longo da semana, repetição das mesmas instâncias</i></p>	<p><b>Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras, algum pombito de crecença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. O remanescente, levavam-no saio de <i>belarte</i>, calças de veludo para as festas, com seus pantufos do mesmo; e para os dias de semana o seu <i>bellefort</i> do mais fino.</b></p>	<p>Vivência diária Isolamento Repetição de comportamentos</p>
<p><i>Obsessão com os livros de cavalaria</i></p> <p><i>Início de loucura</i></p> <p><i>Procura de sentido nas leituras</i></p> <p><i>Aplicação do lido à sua existência, necessidade em completar a histórias?</i></p>	<p><b>É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo o exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele género.</b></p>	<p>Fixação com livros</p>
<p><i>Sozinho com os livros</i></p>	<p><b>Afinal, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em</b></p>	

<p><i>Convicção da necessidade em procurar aventura</i></p> <p><i>Reproduzir os feitos dos livros</i></p> <p><i>Desejo na procura de reconhecimento</i></p>	<p>que nunca jamais caiu louco algum do mundo; e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo o que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o género de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, de onde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama.</p>	<p>Reprodução do lido (Mimese)</p>
---	---	------------------------------------

## Anexo 3

Análise dos transcritos

Capítulo 3

Observação/Descrição	Citação	Tema emergente
<i>Convicção em levar a cabo os seus desejos</i>	- Nunca mais me levantarei donde estou, valoroso cavaleiro, até que a vossa bizzarria me outorgue o dom que pedir-lhe quero, o qual redundará em louvor vosso e benefício do género humano...	Convicção
<i>Desfazamento da realidade?</i>	- Deixai-me então confessar-vos que o dom que vos hei implorado e que vossa liberalidade me proporciona é que amanhã pela manhã me armeis cavaleiro. Possa esta mesma noite velar as armas na capela do vosso castelo, de modo que amanhã, como fica dito, se celebre o que tanto ambiciono para poder, em devida forma, correr as quatro partes do mundo em busca de aventuras, tudo com o fim de valer aos necessitados, como incumbe à cavalaria e seus cavaleiros andantes, qual eu sou por gosto e índole.	Abstracção da realidade
<i>Desfazamento da realidade?</i>	Apeteceu neste comenos a um dos almocreves, que pernoitava na estalagem, dar de beber aos machos. Para isso, viu-se obrigado a tirar as armas de D. Quixote de cima da pia.	

	Este, quando tal presenciou, dirigiu-se-lhe em voz rugidora:	
<i>Abstracção</i>  <i>Agressividade</i>	Ò tu, temerário cavaleiro, quem quer que sejas, ousas erguer mão para as armas do mais valoroso andante que jamais cingiu a espada!? Vê bem o que fazes, se não queres perder a vida à conta de tão alvar atrevimento!	Confusão de identidades
<i>Dedicação a outro</i>	- Assisti-me, senhora minha, na primeira afronta que tem a varrer este vosso avassalado peito! Não me falte em tão arriscado transe o vosso favor e amparo!	Motivação para o combate
	Dali a pouco, antes de terem dado conta, visto que o homem jazia no chão sem acordo, apareceu outro almocreve com tenção igualmente de dar água às cavalgaduras. No momento de desempachar o bebedeiro, D. Quixote, sem proferir palavra nem invocar desta feita a égide de sua dama, segunda vez depôs a adarga e alçando a lança – sendo milagre que a não fizesse em estilhas – escaqueirou-lhe a cabeça em quatro.	
<i>Motivação para o confronto</i>	- Ó senhora da beleza e da graça, alento e vigor do meu debilitado coração, é tempo que volvas aos olhos de tua desdenhosa magnitude para o teu	Motivações

	<b>cativo cavaleiro, que tão formidável aventura está arrostando...</b>	
<i>Convicção em levar a cabo os seus desejos</i>	<b>E tal ânimo cobrou aos, a seus próprios olhos, com esta invocação, que podiam vir todos os almocreves deste mundo e do outro que não arrepiava um passo.</b>	
<i>Latente agressividade</i>  <i>Dedicação ao seu projecto</i>	<b>Em tudo acreditou D. Quixote piamente, dizendo que desse as suas instruções e seria obedecido. Mas que andasse depressa, porque se outra vez investissem com ele e se visse armado cavaleiro, podia ficar certo que não ficava com vida uma só pessoa no castelo, excepto aquelas, bem entendido, por quem ele pusesse a mão e às quais, por seu respeito, pouparia.</b>	

## Anexo 4

Observação/Descrição	Citação	Tema emergente
<p><i>Exagero na sua pessoa</i></p> <p><i>Orgulho nos feitos da sua profissão</i></p>	<p>- <b>Verdadeiramente, Senhores meus, se bem se reconsideram as coisas, são muitas vezes extraordinários e inauditos os acontecimentos presenciados por todos os que professam a ordem da cavalaria andante; senão, dizei-me; quem seria o habitador deste mundo que, entrando pela porta deste castelo, e vendo-nos estar do modo que estamos, pudesse ajuizar e crer que nós somos quem somos? Quem pensaria que esta senhora, aqui ao meu lado sentada, é a grande rainha que todos sabemos, e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cujo nome a boca da fama por aí tem espalhado?</b></p>	<p>Self exagerado</p>
<p><i>Louvores à sua profissão</i></p>	<p><b>Sendo, pois, ponto verificado que as armas requerem tanta força de espírito como as letras, examinaremos agora qual dos dois espíritos é o que trabalhava mais, se o do letrado, se o do guerreiro. Para isto se conhecer bem, deve examinar-se com atenção o destino a que cada um dos dois se</b></p>	

	<p>encaminha, porque em mais alto valor se há-de apreciar a intenção daquele que tem por objecto alcançar um fim mais glorioso e nobre.</p>	
<p><i>Confiança numa força divina</i></p>	<p>(...)  <b>O fim a que as letras se dirigem (e não falo agora das divinas, que aspiram somente a encaminhar as almas para o Céu, fim este tão sem fim, que nenhum outro se lhe pode igualar), quero dizer, as letras humanas, é estabelecer com clareza a justiça distributiva, e dar a cada um o que é seu, e o procurar e fazer que as boas leis se guardem e se cumpram: fim por certo este generoso, e digno de grande louvor; porém, não de tanto como merece aquele a que as armas atende...</b></p>	
<p><i>Aparência de lucidez</i></p> <p><i>Discurso fluido e concordante com uma específica realidade</i></p>	<p><b>Por esta maneira e com estes termos prosseguia D. Quixote na sua prática, de modo que nenhum dos que o escutavam podia persuadir-se de que na realidade ele estava louco, antes, pelo contrário, como maior parte dos que o ouviam eram cavaleiros, a quem as armas são sempre anexas, o ouviam com grande prazer, e dele continuava...</b></p>	<p>Identificação com uma realidade específica</p>

## Anexo 5

Análise dos transcritos

Capítulo 18 (Segundo Livro)

Observação/Descrição	Citação	Tema emergente
<p><i>Actos dispersos</i></p> <p><i>Julgamento de D. Quixote como louco</i></p> <p><i>Indícios de sanidade</i></p> <p><i>Julgamento de outra personagem</i></p>	<p>- Não sei que te responda, filho – redarguiu D. Diogo -; o que te sei dizer é que o vi fazer grandes coisas de grande doido, e dizer coisas tão discretas que apagam e destroem os seus actos; fala-lhe tu, e tomo o pulso ao que sabe; e, já que és discreto, avalia a sua discricção ou a sua loucura, que eu, a dizer a verdade, mais o tenho na conta de doido que de ajuizado.</p>	<p>Loucura</p> <p>Aparência de sanidade</p>
	<p>- Quero dizer – tornou D. Lourenço – que duvido de que houvesse e de que haja agora cavaleiros andantes adornados de tantas virtudes.</p>	
<p><i>Utilidade da sua profissão</i></p> <p><i>Preguiça, ociosidade, gula, regalos =ofensivos, pecados uteis à presença da cavalaria</i></p>	<p>- Muitas vezes disse – respondeu D. Quixote – o que torno a dizer agora: que a maior parte da gente imagina que não houve cavaleiros andantes; e por me parecer que, se o Céu lhes não dá a entender milagrosamente que os houve e que os há, qualquer trabalho que se faça será baldado, como muitas vezes a experiência o demonstrou, não quero</p>	<p>Descrição da sua realidade</p> <p>Motivação ao exercer da profissão</p>

	<p>demorar-me agora em dissipar o seu erro de outros muitos, limito-me a rogar ao Céu que dele o tire, e lhe mostre quão proveitosos e necessários foram ao mundo os cavaleiros andantes, nos séculos passados, e quão uteis seriam no presente, se se usassem; mas triunfam agora, por pecado das gentes, a preguiça, a ociosidade, a gula e os regalos.</p>	
<p><i>Temporária identificação do que o rodeia</i></p>	<p>“Lá se nos escapou o nosso hóspede – pensou D. Lourenço – mas, com tudo isso é um louco esquisito”  - Aqui deram fim à sua prática, porque os chamaram para jantar.  - Perguntou D. Diogo a seu filho o que tirara a limpo do engenho do seu hóspede. É um louco cheio de intervalos lúcidos – respondeu D. Lourenço...</p>	<p>Intervalo de lucidez</p>
<p><i>Discurso adequado/desadequado</i></p>	<p>De novo se admiraram o pai e o filho dos contraditórios discursos de D. Quixote, ora discretos, ora disparatados, e da teima enérgica em que estava de ir procurar as suas desventuradas aventuras, que considerava como alvo e fim dos seus desejos.</p>	<p>Discurso lucido</p>

## Anexo 6

Análise dos Transcritos

Capítulo 17

Observação/Descrição	Citação	Tema emergente
<i>Confusão da realidade</i>	- Amigo dá-me esse elmo, que, ou pouco sei de aventuras, ou o que ali descubro é alguma, que me há-de obrigar a pegar em armas.	
<i>recusa em acatar palavras de outrém, crença numa ameaça infundada (Paranóia)</i>  <i>Percepção errado do que é visto</i>	<b>O de Verde Gabão, que isto ouviu estendeu a vista por todas as partes e, não descobriu outra coisa senão um carro que para eles vinha, com duas ou três bandeiras pequenas, que lhe fizeram supor que o tal carro devia trazer dinheiro de Sua Majestade, e assim o disse a D. Quixote; mas este não lhe deu ouvidos, acreditando sempre e pensando que tudo o que lhe sucedesse haviam de ser aventuras e mais aventuras; e, portanto, respondeu ao fidalgo:</b>	Delirio
<i>Recusa em acatar palavras de outrém</i>  <i>Crença numa ameaça infundada (Paranóia?)</i>	<b>-Homem apercebido vale por dois; não se perde nada em eu me aperceber, que sei por experiência que tenho inimigos visíveis e invisíveis, e não quando, nem onde, nem em que tempo, nem em que figura me hão-de atacar.</b>	Paranoia
<i>Ausência de temor</i>	(...) - Leões a mim? - disse D. Quixote com leve sorriso – leões a mim a tais horas? Pois, por Deus, hão-de ver esses senhores que cá os mandam,	

<p><i>Procura inconsciente de conflito</i></p> <p><i>Exagero das suas capacidades</i></p>	<p>se me arreceio de leões. Apeai-vos, bom homem, e, visto que sois o guarda, abri essas jaulas, e largai-me estas feras, que, no meio deste campo, lhes demonstrarei quem é D. Quixote de la Mancha, a despeito e a pesar dos nigromantes que mos enviam.</p>	<p>Busca de conflicto</p>
<p><i>Rejeição das evidências,</i></p> <p><i>Crença numa obrigação superior</i></p>	<p>- Senhor Cavaleiro, os cavaleiros andantes hão-de empreender as aventuras que dão esperança de se poder alguém sair bem delas, e não as que a tiram de todo em todo, porque a valentia que entra por temeridade é mais loucura que fortaleza, tanto mais que estes leões, não vêm contra Vossa Mercê, nem sonham semelhante coisa; vão de presente a Sua Majestade, e não será bem detê-los, nem impedir-lhes a viagem.</p>	
<p><i>Toma a sua realidade como única</i></p>	<p>- Vá Vossa mercê, Senhor Fidalgo – respondeu D. Quixote -, tratar do seu perdigueiro manso e do seu furão atrevido, e deixa cada qual cumprir a sua obrigação; esta é a minha, e eu é que sei se vêm ou não contra mim estes senhores leões.</p>	<p>Rejeição da realidade</p>

## Anexo 7

Análise dos Transcritos

Último Capítulo

Observação/Descrição	Citação	Tema emergente
<p><i>Elevada melancolia</i></p> <p><i>Início de um estado depressivo?</i></p>	<p><b>Como as coisas humanas não eternas, e vão sempre em declinação desde o principio, até ao seu último fim, especialmente as vidas dos homens; e como a de D. Quixote não tivesse privilégio do Céu para deixar de seguir o seu termo e acabamento, quando ele menos o esperava; porque, ou fosse pela melancolia que lhe causara o ver-se vencido ou pela disposição do Céu, que assim o ordenava, veio-lhe uma febre, que o teve seis dias de cama, sendo visitado muitas vezes pelo curo, pelo bacheler e pelo barbeiro, seus amigos, sem se lhe tirar da cabeceira o seu bom escudeiro Sancho Pança.</b></p>	<p>Melancolia</p>
<p><i>Crê na cura divina, na sua misericórdia</i></p> <p><i>Livre da sua loucura</i></p> <p><i>Percurso até à altura=ignorância, nefasto, disparatados,</i></p>	<p><b>- As misericórdias, sobrinha – respondeu D. Quixote -, são as que neste momento Deus teve comigo, sem as impedirem, como disse, os meus pecados. Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias. Já conheço os seus disparates e os seus embalecos, e só me pesa ter chegado tarde este desengano, que não me desse tempo para</b></p>	<p>Cura divina</p> <p>Reflexões sobre o passado</p>

<p><i>Ódio à cavalaria e aos livros,</i></p> <p><i>Antecipação da morte, desejo de morrer são.</i></p>	<p>me emendar, lendo outros que fossem luz da alma. Sinto-me, sobrinha, à hora da morte; quereria passá-la de modo que mostrasse não ter sido má a minha vida, que deixasse renome de louco, pois, apesar de o ter sido, não queria confirmar essa verdade expirando. Chama-me os meus bons amigos, o cura, o bachelrel Sansão Carrasco e mestre Nicolau, o barbeiro, que me quero confessar e fazer o meu testamento.</p>	<p>Ódio aos livros de cavalaria</p>
<p><i>Renega a loucura</i></p> <p><i>Proclama-se “normal”</i></p> <p><i>Cavalaria=profana e odiosa</i></p>	<p>- Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de Bom. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalarias andante; já conheço a minha needade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino.</p>	<p>Retorno à normalidade</p> <p>Ódio da cavalaria andante</p>
<p><i>Repete o ódio aos contos de cavalaria</i></p> <p><i>Auxílio divino</i></p> <p><i>Morte como resolução</i></p>	<p>- Os contos, que até agora têm sido verdadeiros só em meu prejuízo – respondeu D. Quixote -, espero que a minha morte os mude, com o auxílio do Céu, em meu proveito. Sinto, senhores, que a morte vem correndo;</p>	
<p><i>Reconhecimento de Sancho</i></p>	<p>- <i>Item</i>, é minha vontade que de certos dinheiros que tem em seu poder Sancho Pança, a quem na minha loucura fiz meu escudeiro, se lhe não faça</p>	

<p><i>Influência nefasta sobre ele</i></p>	<p>cargo nem se lhe peçam contas; mas que, se sobrar algum, depois de ele se ter pago do que lhe devo, com ele fique; bem pouco será, mas que lhe faça bom proveito; e se assim, como estando eu louco, fui parte que se lhe desse o governo de uma ilha, pudesse agora, que estou eu em meu juízo, dar-lhe um reino, dar-lho-ia, porque a singeleza da sua condição e a fidelidade do seu trato assim o merecem.</p>	
<p><i>Retorno a Alonso Quijano passado como Dom Quixote= loucura, arrependimento</i></p>	<p>- Senhores – acudiu D. Quixote -, deixemo-nos dessas coisas; o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juízo; fui D. Quixote de la Mancha e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom; possam o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que Vossas Mercês me tinham, e prossiga para diante o Senhor Tabelião.</p>	
<p><i>Conhecedores da leitura de livros=nefastos,  Imposição às ligações com seu passado</i></p>	<p>- <i>Item</i>, é minha vontade que, se Antónia Quijana, minha sobrinha, quiser casar, case com um homem de quem primeiro se tirarem informações e se verificar que não sabe o que vem a ser livros de cavalaria; e, no caso de se averiguar que o sabe, e minha sobrinha, apesar disso, persistir em casar com ele, perca tudo o que lhe deixo, que os meus testamenteiros poderão distribuir em obras pias à sua vontade.</p>	<p>Renegação do seu passado</p>
<p><i>Procura de perdão pelos seus actos</i></p>	<p>- <i>Item</i>, suplico aos ditos senhores, meus testamenteiros</p>	

<p><i>Arrependimento nas suas anteriores façanhas</i></p> <p><i>Passado=disparatado</i></p>	<p><b>que, se a boa sorte lhes fizer conhecer o autor que dizem que compôs uma história, que por aí corre, com o título de <i>Segunda Parte das Façanhas de D. Quixote de la Mancha</i>, lhe peçam da minha parte, o mais encarecidamente que puderem, que me perdoe a ocasião que sem querer lhe dei a para escrever tantos e tamanhos disparates, porque saio desta vida com o escrúpulo de lhe ter dado motivo para que os escrevesse. (...).</b></p>	<p>Arrependimento</p>
---	--	-----------------------

## Anexo 8

## Agrupamento de temas

<p>Vivência diária          Isolamento          Repetição de comportamentos          Obsessividade com livros          Reprodução do lido (Mimese)</p>	<p>Agrupamento 1</p>
<p>Convicção          Abstracção da realidade          Confusão de identidades          Motivações          Loucura          Aparência de sanidade          Descrição da sua realidade          Motivação ao exercer da profissão          Intervalo de lucidez          Discurso lúcido          Self exagerado          Identificação com uma realidade específica          Delírio          Paranóia          Busca de conflito          Rejeição da realidade</p>	<p>Agrupamento 2</p>
<p>Melancolia          Cura divina          Reflexões sobre o passado          Ódio aos livros de cavalaria          Retorno à normalidade          Renegação do seu passado          Arrependimento</p>	<p>Agrupamento 3</p>

## Anexo 9

## Tabela de Temas

### Vivência do cotidiano

*Repetição de comportamentos*

- “*aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras...*”

*Obsessividade com livros de cavalaria.*

- “**e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler...**”

*Desejo de mimese*

- “**assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante...**”

### Uma realidade diferente

*Abstracção da realidade*

- “*Possa esta mesma noite velar as armas na capela do vosso castelo...*”
- “**ou o que ali descubro é alguma, que me há-de obrigar a pegar em armas**”
- “**Ò tu, temerário cavaleiro, quem quer que sejas, ousas erguer mão para as armas do mais valoroso andante que jamais cingiu a espada!?!...**”

*Agressividade*

- “**Vê bem o que fazes, se não queres perder a vida à conta de tão alvar atrevimento!**”

*Motivações*

- “**Assisti-me, senhora minha, na primeira afronta que tem a varrer...**”
- “**Ó senhora da beleza e da graça, alento e vigor do meu debilitado coração...**”
- “**e quão úteis seriam no presente, se se usassem**”

*Aparência de sanidade*

- “*mas, com tudo isso é um louco esquisito*”
- “**É um louco cheio de intervalos lúcidos**”

*Self exagerado*

- “**e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cujo nome a boca da fama por aí tem espalhado?**”

*Identificação com uma realidade específica*

- **“como maior parte dos que o ouviam eram cavaleiros...”**

Reflexão sobre a loucura

*Melancolia*

- **“ou fosse pela melancolia que lhe causara o ver-se vencido ou pela disposição do Céu”...**

*Retorno à normalidade*

- **“Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano...”**

*Ódio e rejeição do passado*

- **“já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalarias andante;”**  
- **“Sinto-me, sobrinha, à hora da morte; queria passá-la de modo que mostrasse não ter sido má a minha vida, que deixasse renome de louco...”**

*Arrependimento*

- **“que puderem, que me perdoe a ocasião que sem querer lhe dei a para escrever tantos e tamanhos disparates...”**